



TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

**STRANGE
HORIZONS**

APRESENTA:

SFF FROM BRAZIL

Heitor Zen · H. Pueyo · Isa Prospero · Jana Bianchi · Jarid Arraes

Kali de los Santos · Sérgio Motta · Woody Dismukes · Arte: Juliana Pinho

COPIE ESTE ZINE!

Este livro pode ser reproduzido, distribuído e copiado à vontade, desde que de maneira gratuita. Baixe um pdf em alta qualidade para impressão no site da Trasgo. Proibida a edição ou impressão para venda sem autorização da Revista Trasgo.

Texto: Heitor Zen, H. Pueyo, Isa Prospero, Jana Bianchi, Jarid Arraes, Kali de los Santos, Sérgio Motta, Woody Dismukes

Ilustração de capa: Juliana Pinho

Edição brasileira: Rodrigo van Kampen

Editora de poesia: Giovana Bomentre

Revisão: Alvaro Caxone, Cássia Rodrigues de Oliveira e Nataly Ternero

Equipe da Trasgo

Editor-chefe: Rodrigo van Kampen

Editor: Lucas Ferraz

Editor: Sol Coelho

<http://trasgo.com.br>

TRASGO - EDIÇÃO ESPECIAL: STRANGE HORIZONS APRESENTA FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA BRASILEIRAS

EDITORIAL.....	5
SITUAÇÃO ATUAL DA F&FC NO BRASIL - JANA BIANCHI.....	6
REPOSIÇÃO - ISA PROSPERO.....	32
PROGRESSÃO - HEITOR ZEN.....	39
ARANHA - SERGIO MOTTA.....	46
AJÉ - H. PUEYO.....	59
ESPERANÇA NAS ALTURAS - KALI DE LOS SANTOS.....	76
COR DE MULA - WOODY DISMUKES.....	79
UM DIÁLOGO ENTRE AS CABEÇAS EMBALSAMADAS DE LAMPIÃO E MARIA BONITA EXPOSTAS AO PÚBLICO NO INSTITUTO MÉDICO LEGAL BAIANO, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX - WOODY DISMUKES.....	81
MOVIMENTO - JARID ARRAES.....	84
ENTREVISTA COM A ARTISTA - JULIANA PINHO.....	87

Editorial

RODRIGO VAN KAMPEN

Começou em julho do ano passado, quando todo mundo passou a divulgar que a revista americana de ficção científica *Strange Horizons* faria uma edição especial somente com autores e autoras brasileiros.

Foi uma festa. Uma galera que nunca havia se arriscado a escrever em inglês (incluindo eu) mandou textos para submissão, um grupo de apoio foi criado no Telegram, e, mais importante, foi um ótimo estímulo para galera de cá para mandar ótima ficção brasileira para gringo ler.

E como editor, pensei com meus botões: o pessoal anglófono vai ter a oportunidade de ler uns contos bem bacanas sobre a realidade brasileira. Mas quais serão escolhidos? O que editores lá de fora consideram "brasilidade", além, claro, de um excelente texto? Então, tomei a decisão de lançar em português os textos que foram vendidos lá fora.

Com a bênção dos editores da *Strange Horizons* e de todas as autoras e autores envolvidos, estamos lançando pela *Trasgo* a versão brasileira dos textos escolhidos. Alguns traduzidos por tradutoras (quando especificados), outros pela própria autora (quando não).

Para abrir, e tomando o lugar deste editorial, deixo vocês com o ótimo panorama da F&FC (Fantasia e Ficção Científica) nacional escrito por Jana Bianchi.

Situação atual da F&FC no Brasil

JANA BIANCHI

Há também outros (fantasmas), máxime nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados baetatá, que quer dizer cousa de fogo (...). Não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios e mata-os, como os curupiras; o que seja isto, ainda não se sabe com certeza”.

José de Anchieta [1] em 1560, em uma de suas cartas do Brasil para Portugal

Enquanto escrevo estas palavras, a floresta amazônica queima. Protegidos por novas leis ambientais aprovadas pelo presidente brasileiro, grandes fazendeiros simplesmente atearam fogo à floresta.

É impossível não pensar no nome do nosso país. Dizem que vem de uma árvore nativa com uma madeira de um vermelho tão brilhante que os colonizadores portugueses acharam que parecia feita de brasa. Então apagaram o nome tupi (ibirapitanga), decidiram chamar a madeira de pau-brasil e, depois, nomearam este lugar em homenagem ao recurso que exploraram impiedosamente. Quem imaginaria que descendentes brancos dos europeus estariam literalmente transformando a floresta em brasas cinco séculos depois, ignorando os povos nativos que ainda vivem aqui?

Esta introdução pode parecer meio amarga, mas diz muito sobre o nosso contexto sociopolítico — e,

consequentemente, sobre a situação atual da fantasia e da ficção científica no Brasil (que, desse ponto em diante, vamos chamar de F&FC). E, para falar sobre isso, preciso falar sobre colonização, ciclos e política. Vamos começar com o passado.

ANTES

É difícil bater o martelo sobre onde começaram a F&FC no Brasil. Segundo o livro *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*, escrito por Bruno Anselmi Matangrano [2] e Enéias Tavares [3], a literatura brasileira do século XIX teve apenas manifestações esporádicas de trabalhos com elementos fantásticos — geralmente sutis.

No entanto, hoje é amplamente aceito que nosso primeiro romance de F&FC foi *A rainha do ignoto* — escrito em 1899 por Emília Freitas [4], uma mulher nordestina, feminista e abolicionista. O livro conta a história de uma sociedade secreta de mulheres justiceiras, que chamam a si mesmas de Paladinas do Nevoeiro e vivem em uma ilha na costa do estado do Ceará, que é mantida propositalmente oculta por uma misteriosa névoa. Infelizmente, tanto o livro quanto a própria Emília caíram no esquecimento até os anos 1980, escondidos como a própria ilha — embora, nesse caso, o sumiço não tenha sido voluntário, e sim um apagamento deliberado.

Além de outras obras ocasionais com elementos de fantasia e ficção científica (na maioria dos casos, ficções curtas escritas por autores e autoras conhecidos por suas carreiras na literatura mimética), uma produção estruturada de ficção científica começou nos anos 1930, com Jerônimo Monteiro [5] — que, durante os anos 1960, foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Ficção Científica. Ele fez parte do

que hoje é conhecida retrospectivamente como Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira, junto com autores e autoras como André Carneiro [6], Gumercindo Rocha Dórea [7] e Dinah Silveira de Queiroz [8].

Em 1970, Jerônimo criou a Magazine de Ficção Científica, a versão brasileira da The Magazine of Fantasy & Science Fiction [9]. Em português, temos uma palavra equivalente à “magazine”, a palavra “revista”, mas o termo anglicizado foi o escolhido para dar nome ao primeiro projeto a publicar ficção científica brasileira (junto com contos traduzidos). E destaque esse ponto porque, embora o trabalho desses escritores e escritoras tenha sido marcado por ambientações brasileiras e temas que podiam ser apontados como “nossos”, a Primeira Onda ainda aconteceu em um contexto fortemente colonizado, com referências e analogias a obras anglófonas. Grandes árvores têm raízes profundas.

Então, vieram os anos 1980 e 1990, e a Segunda Onda da Ficção Científica Brasileira quebrou na praia. Ela trouxe fanzines, uma fanbase considerável, eventos de ficção científica e produção e publicação regulares por pessoas ainda em atividade, como Fábio Fernandes [10], Roberto de Sousa Causo [11], Finisia Fideli, Octavio Aragão [12], Bráulio Tavares [13] e Ivan Carlos Regina. A Segunda Onda também trouxe o primeiro manifesto do gênero — o Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira [14], proposto por Ivan Carlos Regina em 1988.

Exatamente sessenta anos antes, em 1928, o poeta Oswald de Andrade [15] havia escrito o Manifesto Antropofágico original [16], que dizia que artistas brasileiros deveriam “deglutir” o legado cultural europeu e “digeri-lo” para produzir uma arte brasileira legítima e “não-catequizada”. Oswald datou o manifesto como do “ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha” [17], uma alusão à história

sobre o primeiro bispo a vir para o Brasil, que supostamente foi morto e devorado por “nativos antropófagos” em 1556.

Em seu manifesto, Ivan evoca o manifesto de Oswald e diz: “Um boitatá de olhos de césio espreita no planalto central do país. (...) Precisamos deglutir urgentemente, após o Bispo Sardinha, a pistola de raios laser, o cientista maluco, o alienígena bonzinho, o herói invencível, a dobra espacial, o alienígena mauzinho, a mocinha com pernas perfeitas e cérebro de noz, o disco voador, que estão tão distantes da realidade brasileira quanto a mais longínqua das estrelas. (...) Um caipora verde amarelo devora hambúrgueres, destrói satélites, deglute armas e destroça tecnologias. Um índio descerá de uma estrela colorida brilhante”.

Dessa vez, o manifesto é datado como do “1º ano após o desastre de Goiânia [18]” — uma referência ao segundo maior desastre radioativo do mundo, atrás apenas de Chernobyl, que aconteceu bem no Centro-Oeste brasileiro quando uma fonte de radioterapia cheia de Césio-137 foi irresponsavelmente abandonada e posteriormente encontrada e desmontada por pessoas leigas. O acidente causou quatro mortes diretas e contaminou mais de 1.600 pessoas.

É muito significativo que esse novo ponto de referência para a ficção científica brasileira tenha sido definido ao redor de um incidente que diz tanto sobre o Brasil e sobre nosso caso de amor e ódio com a ciência.

Enfim, a Terceira Onda da Ficção Científica Brasileira chegou, trazida pelos ventos da internet e das mídias sociais. É a onda que surfamos atualmente.

O trabalho englobado por ela é repleto das ideias antropofágicas propostas por Ivan Carlos Regina e inclui nomes como Cristina Lasaitis [19], Ana Cristina Rodrigues [20], Lady Sybylla [21], Cirilo Lemos [22], Vic Viera [23] (conhecido anteriormente como Alliah), Santiago Santos [24],

Andréa del Fuego [25] e Luiz Bras [26] — pseudônimo de Nelson de Oliveira, que em 2018 editou *Fractais tropicais*. A antologia premiada tem trinta contos escritos por autores e autoras das três ondas da ficção científica brasileira, além de uma introdução robusta sobre o panorama atual do gênero no país.

Paralelamente a isso, a fantasia brasileira seguiu trajetória similar, embora mais explosiva. O primeiro escritor de F&FC brasileiro a chegar à lista dos mais vendidos, André Vianco [27], publicou *Os sete* em 1999, e logo ficou conhecido por seus livros sobre vampiros — todos ambientados em cidades brasileiras e cheios de humor, cinismo e síndrome do vira-lata que nos são tão particulares. Oito anos depois, Eduardo Spohr [28] publicou *A batalha do apocalipse*, que inclui um Rio de Janeiro habitado por anjos e demônios — elementos fantásticos importantes em um país onde quase 90% da população se identifica como cristã.

Em 2002, o site Jovem Nerd [29] foi criado. Em 2007, o portal nerd foi responsável por vender a versão independente do livro de Spohr, e em 2011 eles lançaram seu primeiro podcast de RPG, a série NerdCast Especiais RPG [30], que certamente ajudou a aumentar o conhecimento e a popularidade da F&FC para um público mais amplo. Atualmente, cada série de podcasts de RPG tem cerca de três milhões de downloads, e alguns romances originais com personagens dos podcasts foram publicados.

Até o momento, Vianco e Spohr venderam, juntos, mais de 1,7 milhões de livros — números impressionantes no mercado editorial brasileiro. A tiragem inicial de um livro de F&FC (nacional ou traduzido) é de cerca de três mil livros, e mesmo grandes editoras estão passando por poucas e boas para vender até livros do gênero de autores consagrados ou vencedores de prêmios. Devo voltar a esse tópico adiante, mas quase duas décadas depois, o maior acesso à ficção

traduzida de qualidade, combinado com anos de instabilidade política, transformaram a nova geração de escritores brasileiros de F&FC em verdadeiros antropófagos culturais.

Finalmente, a F&FC brasileira parece ter alcançado um grupo de temas e características legítimos e identificáveis. Vamos falar sobre eles.

AGORA: PRINCIPAIS TEMAS, CARACTERÍSTICAS E ESCRITORES

A primeira coisa digna de nota é que finalmente estamos produzindo uma ficção mais diversa — não só com personagens e temas mais diversos, mas também escrito por autores de diferentes contextos. Por “mais diverso”, infelizmente não quero dizer “tão diverso como deveria ser”. Mesmo em um país com uma grande variedade étnica e social, ainda temos um mercado majoritariamente masculino, branco e cisgênero. Porém, seguindo a tendência global, nossa F&FC (junto com os jovens adultos) vem sendo pioneira na disponibilização de histórias repletas de diversidade para grandes públicos.

Um exemplo é Lavínia Rocha [31], que começou a publicar sua trilogia de distopia em 2015, com *Entre 3 mundos*. A história é um exemplo de fantasia fortemente inspirada em questões sociais, com uma garota negra como protagonista e ambientada em um Brasil socialmente segregado.

Outro exemplo é o primeiro livro publicado por Jarid Arraes [32] — um dos novos talentos da literatura brasileira. Embora sua carreira tenha mais tarde se consolidado majoritariamente em um terreno mimético, ela publicou *As lendas de Dandara* em 2016. O livro reconta, com toques de fantasia e realismo mágico, a história de Dandara de

Palmares [33] — uma personagem histórica do Brasil Colonial, guerreira negra conhecida por lutar contra a escravidão junto com Zumbi [34].

Cirilo Lemos [35] é outro expoente da Terceira Onda da Ficção Científica Brasileira, nascido e criado no subúrbio de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro). Seu elogiado trabalho é fortemente baseado em política e críticas sociais. Como exemplo, seu conto “Entre as gotas de chuva, encruzilhada” (publicado na antologia *Aqui quem fala é da Terra*) é uma história de realismo mágico emotiva e crua, que aborda a violência da vida das pessoas de rua e o direito delas a sonhar. Em 2019, o conto foi indicado a dois dos mais importantes prêmios de F&FC do Brasil.

O afrofuturismo brasileiro também ganha força. Fábio Kabral [36] começou a publicar sua série de livros afrofuturistas em 2017, com *O caçador cibernético da rua 13*, seguido por *A cientista guerreira do facão furioso* em 2019. Eles são ambientados no complexo futurístico de Ketu Três — nas próprias palavras de Fábio, “lar do povo melaninado, filhos dos Orixás; a metrópole governada por sacerdotisas-empresárias e tecnologias fantásticas movidas a fantasmas”. Paralelamente a isso, Lu Ain-Zaila [37] publicou seu *Sankofia: breves histórias afrofuturistas* em 2018, uma coletânea de doze histórias de diferentes subgêneros e inspirações, unidos pela atmosfera e estética afrofuturistas.

Podemos esperar mais dois livros afrofuturistas importantes para 2020 e 2021: o romance de Ale Santos [38], um ativista antirracismo conhecido como @savagefiction no Twitter, onde regularmente posta fios sobre cultura e história negra, e a noveleta de Waldson Souza [39], pesquisador de afrofuturismo na Universidade de Brasília. O livro de Ale será ambientado em um universo fortemente influenciado pela cultura do hip hop, que já foi explorado no conto “Cangoma”. A noveleta de Waldson, *Oceanic*, se passa em uma

metrópole tecnológica construída nas costas de uma criatura oceânica e apresenta personagens melaninados que se envolvem com política e nanorrobótica.

Outra voz não-branca que vale a pena acompanhar é o escritor Sergio Motta [40]. Depois de publicar a noveleta *Ciberbochicho* — uma história cyberpunk bastante ácida e crítica, ambientada em um Brasil futurista — na Revista *Mafagafo* [41], ele tem um livro de contos planejado para 2020, com histórias de realismo mágico sobre a influência da ancestralidade e do misticismo africanos de múltiplas origens sobre a vida das pessoas nas favelas e periferias da São Paulo contemporânea.

Jim Anotsu [42] é, provavelmente, o nome mais proeminente quando falamos de autores brasileiros não-brancos de F&FC que escrevem personagens também não-brancos. Em 2014, ele publicou *Rani e o sino da divisão*, uma fantasia urbana middle-grade que é ambientada no interior de Minas e tem como protagonista Rani, uma menina negra que descobre ser xamã.

Junto com Vic Vieira [43], Anotsu também escreveu o Manifesto irradiativo [44] em 2015, clamando por “diversidade na ficção especulativa nacional”.

Além de buscar histórias de uma diversidade étnica ainda maior — como, por exemplo, em relação aos povos nativos brasileiros, que vêm sendo sistematicamente negligenciados no mercado literário como um todo —, o manifesto ainda pede por obras com personagens (e escritos por pessoas) com orientações sexuais e identidades de gênero diversas. Alguns exemplos são *Metanfetaedro*, do próprio Vic Viera [45], e *Exorcismos, amores e uma dose de blues*, de Eric Novello [46].

A agência literária Página 7 [47] também está fazendo um trabalho muito importante na publicação de histórias LGBTQIA+. Além de agenciar autores diversos dentro de

grandes editoras brasileiras (e estrangeiras), a agência também publica as próprias antologias e e-books independentes editados por Gui Liaga [48] e Taissa Reis [49], muitos deles com histórias de F&FC escritas por autores etnicamente diversos e LGBTQIA+ — como, por exemplo, *Sabor da maré*, também de Eric Novello [50].

E é impossível falar sobre o Eric sem apontar outra característica importante do panorama atual da nossa F&FC: a situação política brasileira.

Em seu livro mais recente, *Ninguém nasce herói* — publicado em 2017 pela Seguinte [51], um selo da Companhia das Letras, uma das maiores editoras do Brasil —, um grupo de personagens de diferentes etnias, orientações sexuais e identidades de gênero se opõe ao Escolhido, um fundamentalista religioso que chegou à presidência e, auxiliado por sua milícia urbana, oprime, censura e persegue minorias (quem dera fosse mera ficção).

Outros autores também vêm abordando nosso contexto sociopolítico em seus trabalhos desde meados dos anos 2010, quando as Jornadas de Junho (ou as Manifestações dos 20 Centavos) [52], colocaram esse tema em alta.

Bárbara Morais [53], por exemplo, publicou sua trilogia *Anômalos* entre 2013 e 2015. O livro é protagonizado por um grupo de pessoas com poderes especiais que, segregadas e ostracizadas pelas pessoas sem poderes, lutam contra um governo abertamente autoritário. Publicado em 2018, *Mensageira da sorte*, de Fernanda Nia [54], estrela uma jovem que é escalada para trabalhar em um departamento público sobrenatural no Rio de Janeiro e depois descobre a existência de um esquema para desviar níveis de sorte de forma a beneficiar políticos poderosos.

Em algumas obras, as similaridades com a realidade são impressionantes. Em *<deletado/>*, por exemplo, uma noveleta também publicada pela revista Mafagafo [55] em

2018, Rodrigo Assis Mesquita propõe um Brasil que está às beiras do colapso ambiental em um futuro próximo, onde o Estado está usando de tecnologia para reescrever a verdade e manipular os cidadãos. Assustador, especialmente considerando que o atual presidente brasileiro foi eleito com o uso descarado de fake news, bots nas redes sociais e campanhas ilegais de spam usando aplicativos de trocas de mensagens [56] — só uma prova de como bons autores de F&FC são capazes de digerir a realidade e projetar alternativas de futuro tão precisas que a ficção se torna quase presciente.

Outro livro influenciado pela atual instabilidade da política brasileira é *Ordem vermelha: filhos da degradação*, de Felipe Castilho [57]. O livro de alta fantasia, já definido pelo próprio Felipe como “Cidade de Deus na Terra Média”, marcou a história por ter sido financiado pela Comic Con Experience de São Paulo [58], considerado atualmente o maior festival de cultura pop do mundo. Mesmo no cenário economicamente adverso em que estamos, o livro alcançou todas as listas de mais vendidos do país.

As obras anteriores de Castilho também abordam outros tópicos importantes da F&FC brasileiras: o resgate do nosso folclore, atualmente estigmatizado como infantil, principalmente por conta da série infantil de livros *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, publicados entre 1920 e 1940.

Entre 2012 e 2015, Castilho publicou três títulos da sua tetralogia *Legado folclórico*, na qual os mitos brasileiros não só são reais, mas sistematicamente lutam contra a destruição ambiental e contra grandes corporações. A boa recepção de *Legado folclórico* abriu oportunidades para autores independentes, como Lauro Kociuba [59] com o e-book *Raízes de vento e sangue* — uma antologia de sete contos sobre mitos brasileiros, escritos em prosas bastante experimentais — e Ian Fraser [60], tanto com a série *Araruama* quanto com

o livro independente *Noir Carnavalesco*. A série é baseada em várias mitologias das Américas do Sul e Central, enquanto o outro livro propõe uma ambientação contemporânea em que os mitos brasileiros coexistem com humanos.

Todos os livros de Ian foram publicados inicialmente por financiamento coletivo, entre 2017 e 2019, e coletivamente arrecadaram quase R\$140 mil — tal sucesso provou que há um mercado potencial para F&FC baseada em folclore.

Ian é nordestino, nascido e criado na Bahia. Isso é algo digno de nota porque as editoras adquirem e publicam, majoritariamente, autores de F&FC (e de literatura mimética também) nascidos no Sudeste.

No entanto, essa é uma tendência que está começando a mudar: atualmente, histórias de F&FC tanto escritas por autores de fora do eixo Rio-São Paulo como ambientadas em outras cidades vêm sendo publicadas por grandes editoras e publicações, atingindo públicos mais amplos.

Um exemplo é Roberta Spindler [61], do Pará, que teve seu livro *Heróis de Novigrath* publicado em 2018 pela Suma [62], outro selo da Companhia das Letras. Aline Valek [63], escritora, ilustradora e ativista nascida em Minas Gerais e criada em Brasília, também publicou seu livro de ficção científica *As águas-vivas não sabem de si* no selo Fantástica Rocco [64], selo fantástico de uma grande editora.

São os casos de Thiago Lee [65] e Paola Siviero [66]. Nascido no Sergipe, Lee escreveu *O homem vazio*, publicado em 2018 através de um edital municipal paulistano de fomento à literatura. É uma fantasia urbana ambientada em São Paulo, que trata da solidão em grandes cidades — um tema fortemente relacionado à migração dentro de um país continental como o Brasil. E Paola, embora seja nascida e criada em São Paulo, publicou um fixup ambientado em diferentes cidadezinhas do Nordeste, *O auto da Maga Josefa*. O

livro, publicado em 2018, foi indicado a todos os três maiores prêmios brasileiros de F&FC e ganhou dois deles.

E, para terminar em alto estilo, há o fato de que a autora de F&FC brasileira mais premiada, Socorro Acioli [67], não é carioca ou paulista. É nascida e criada no Ceará, e teve seu premiado livro *A cabeça do santo* publicado no Brasil e no Reino Unido em 2014 e nos Estados Unidos em 2016. O livro, que se passa no sertão nordestino, foi finalista do LA Times Book Prize de 2017 e, em 2016, foi eleito pela Biblioteca Pública de Nova York um dos melhores livros para jovens.

Apesar desse panorama empolgante em termos de produção literária, o mercado de F&FC brasileiro não anda tão próspero como seria de se esperar.

AGORA: O MERCADO

Desde 2015, o mercado literário brasileiro está mal das pernas. De acordo com uma pesquisa da Fipe, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas [68], o encolhimento desse mercado foi de 21% entre 2015 e 2018.

E, apesar do baixo número de livros lidos por ano (cerca de 2,43 livros por leitor ativo, segundo pesquisa de 2016 do Instituto Pró-Livro [69]), a razão disso não é a falta de leitores — já que 44% dos 209 milhões de brasileiros se declaram leitores.

Estamos em crise principalmente porque as grandes livrarias estão quebrando devido a anos de (irresponsável) venda em consignação; livrarias pequenas estão quebrando devido a sistemas predatórios como os da Amazon; e editoras estão quebrando devido à quebra das livrarias.

Considerando que a F&FC nacional é apenas um nicho dentro de outro nicho (maior, mas ainda um nicho)

que é a literatura de fantasia e ficção científica — e dadas as informações sobre as dificuldades que até mesmo as grandes editoras estão encarando com grande nomes desses gêneros —, essa é uma situação desencorajadora.

Como escritora, tradutora e editora em uma revista de F&FC, eu poderia facilmente usar o resto desse artigo para choramingar sobre números e sobre o apocalipse que se aproxima. Mas, como uma escritora de ficção científica e fantasia, é meu trabalho projetar um futuro utópico, né?

Brincadeiras e contradições à parte, eu realmente acredito que a situação da F&FC brasileiras nunca foi tão favorável. Além de um grupo de temas e características mais maduros, escritores brasileiros do gênero estão cada vez mais preocupados e interessados em estudar escrita. Cursos de escrita estruturados e mentorias, oferecidos tanto por universidade quanto por autores e editores bem estabelecidos, por exemplo, estão cada vez mais populares entre autores brasileiros de F&FC.

Grandes editoras brasileiras continuam investindo mais e mais em autores brasileiros, apesar das dificuldades. Essa alternativa tem suas vantagens, afinal de contas: livros brasileiros não precisam de tradução, e os direitos autorais não são pagos em moedas estrangeiras (um ponto importante, considerando a atual desvalorização do real). Além disso, novas formas de publicação estão surgindo como forma de se superar a crise do mercado enquanto se absorve a demanda do público por mais F&FC brasileiras.

Um exemplo é como as editoras independentes de F&FC estão optando por imprimir pequenas tiragens e fazer venda direta, como por exemplo a Lendari [70], que acabou de publicar o primeiro romance da autora da Terceira Onda Ana Cristina Rodrigues [71], *Atlas Ageográfico de Lugares Imaginados*; o selo de ficção científica Futuro Infinito da Patuá [72], que recentemente publicou livros como *Fanfic* (do autor

da Segunda Onda Bráulio Tavares [73]), *Back in the USSR* (do autor da Segunda Onda Fábio Fernandes [74]) e *Matando gigantes* (de Claudia Dugim [75]); a Avec [76], que publicou histórias em quadrinhos e livros como o steampunk *Guanabara Real: A alcova da morte*, escrito a seis mãos por A. Z. Cordenonsi [77], Enéias Tavares [78] e Nikelen Witter [79]; e a Monomito [80], que acabou de propor a coleção Universo Insólito e publicou seu primeiro livro, *A telepatia são os outros*, de Ana Rüsche [81].

Também há as editoras independentes de F&FC focadas exclusivamente em publicação digital — na qual o investimento é menor, assim como o preço de venda —, sem deixar de lado a curadoria cuidadosa, a edição responsável e o pagamento do autor e demais profissionais envolvidos. A Dame Blanche [82], por exemplo, publicou novelas como a ficção científica *Deixe as estrelas falarem*, de Lady Sybylla [83] e a já citada *O auto da Maga Josefa*, entre outras novelas e noveletas, entre 2016 e 2019. A editora Plutão [84] também está publicando novelas e coletâneas de contos digitais de autores brasileiros contemporâneos, especificamente de ficção científica — como a antologia *Aqui quem fala é da Terra* e a novela independente *Diário simulado*, de Delson Neto [85].

E não são apenas autores independentes que vêm se aventurando no financiamento coletivo: editoras estabelecidas de F&FC, como por exemplo a Draco [86], vêm usando esse modelo de financiamento para viabilizar coletâneas, antologias e histórias em quadrinhos.

Outro caso de grande sucesso foi o lançamento do Tormenta 20, a edição comemorativa do vigésimo aniversário do sistema brasileiro de RPG Tormenta — um universo de fantasia onde livros de fantasia também já foram ambientados, como por exemplo *O inimigo do mundo*, de Leonel Caldela [87], e vários títulos escritos por Karen Soarele [88]. Através da Jambô [89] (uma editora de RPG,

quadrinhos e livros de F&FC), o projeto, gerenciado por Guilherme Dei Svaldi [90] e Karen Soarele, foi apoiado por 6.353 pessoas e arrecadou cerca de R\$1,9 milhões — o maior financiamento coletivo da história no país até o momento.

As revistas brasileiras de F&FC também estão se estabelecendo. A *Trasgo* [91], editada por Rodrigo van Kampen [92], Lucas Ferraz [93] e Soraya Coelho [94], tem números notáveis para uma publicação independente: entre 2014 e setembro de 2019, ela publicou 113 contos de 103 autores. Atualmente é financiada por uma plataforma de financiamento coletivo recorrente com mais de 120 apoiadores e está se aventurando em um formato exclusivo de zinecontos, no qual zines contendo um único conto podem ser comprados pelo site ou baixados gratuitamente.

A *Mafagafo* [95], outra revista do gênero, foi criada em 2018 e teve duas edições com histórias em formato seriado antes de passar por uma reformulação. Da terceira edição em diante, adotará um novo formato, que consistirá em uma seleção de histórias feitas por doze editores de grandes editoras e diferentes trajetórias de carreira. A *Mafagafo* também tem um projeto de financiamento coletivo recorrente com mais de 160 apoiadores e lançou dois projetos paralelos: a *Faísca* [96], uma newsletter semanal com ficções relâmpagos de até 1.000 palavras selecionadas, e o *Pio* [97], uma conta de Twitter recém-criada que se dedicará à publicação de microficção.

Outras revistas como a *Aversa* [98] e *A Taverna* [99] também selecionam e publicam contos regularmente. A revista *Balbúrdia* [100] acabou de ser anunciada, e promete editais de seleção exclusivas para histórias de autores/com personagens que sejam LGBTQIA+, não brancos ou de fora do Sul e do Sudeste do Brasil. E, embora majoritariamente dedicada a um conteúdo sobre RPG, a revista *Dragão Brasil* [101] — uma publicação extremamente popular de RPG,

criada em 1994, gerenciada por J. M. Trevisan [102] e atualmente apoiada mensalmente por mais de 1.900 leitores — também publica, em toda edição, contos ou noveletas de F&FC selecionadas.

Os autores e autoras brasileiros de F&FC também estão procurando formas não-convencionais de publicação. O exemplo mais notável é o Tempos Fantásticos [103], criado por Angelo Dias [104] em 2016. O projeto se define como um “jornal atemporal” que traz notícias, colunas e tirinhas de “passados, presentes e futuros alternativos”, além de uma história externa que conta sobre o histórico e o dia-a-dia do jornal e mostra as ameaças que o jornal recebe de uma seita que é contra a viagem no tempo. Depois de dois anos de edições mensais, o Tempos Fantásticos teve um terceiro ano de edições maiores, coloridas e trimestrais. Agora, no final de 2019, o projeto planeja uma pausa para reformulação, depois da qual um livro com os textos e material extra devem ser publicados.

Outro bom sinal de que a F&FC brasileiras está bem é a presença do gênero na agenda de eventos literários. Em 2019, tivemos três espaços importantes de discussão de fantasia e ficção científica com grande público: a segunda edição da Casa Fantástica [105], a terceira Flipop [106] e a Odisseia de Literatura Fantástica [107]. A Casa Fantástica apresenta uma série de mesas redondas focadas na literatura de fantasia e ficção científica. Foi criada por Priscilla Lhacer para integrar o circuito paralelo da Flip [108], a Festa Literária Internacional de Paraty — o maior festival de literatura do Brasil.

Flipop significa Festival de Literatura Pop, e é um evento de três dias organizado pela editora da Seguinte, Diana Passy [109], para falar sobre literatura popular, incluindo F&FC, com foco em diversidade e mesas com autores brasileiros e estrangeiros. E a Odisseia, criado por

Duda Falcão [110], Cesar Alcázar [111] e Christopher Kastensmidt [112] é um evento que acontece em Porto Alegre (RS), no qual escritores e leitores são convidados a falar sobre literatura e confraternizar depois da programação regular.

A F&FC brasileiras também estão sendo publicadas lá fora. Fábio Fernandes [113] — um dos quatro brasileiros a se formarem em um dos workshops do sistema Clarion West/ Clarion San Diego — não só publicou seus contos em várias revistas e antologias anglófonas como também escreveu artigos e resenhas para vários sites e publicações, incluindo Tor.com, The World SF Blog, Strange Horizons e SF Signal. Atualmente, é um colaborador da Tor.com com um projeto de releitura de Gene Wolfe. Christopher Kastensmidt, há pouco mencionado, tem uma longa lista de publicações no mercado anglófono, assim como no nacional. Embora seja de Houston, nos Estados Unidos, ele vive no Brasil e escreveu romances, contos e um sistema de RPG de mesa baseado na história e no folclore brasileiros, a série A bandeira do elefante e da Arara. Uma dessas noveletas, *The Fortuitous Meeting of Gerard van Oost and Oludara*, foi finalista do prêmio Nebula de melhor noveleta em 2010.

Outros escritores e escritoras também publicaram no mercado anglófono, como Isa Prospero [114] (com o conto de ficção científica “The Artist of Enclosure 601-A” [115] na antologia *All Borders are Temporary* e a novela de fantasia *The Book of the Living* na edição 7 da *The Fantasist* [116]); Santiago Santos [117] com o conto “*A Carpet Sewn With Skeletons*” na antologia *South American Monsters*; Dante Luiz [118], com vários quadrinhos e a noveleta “Ingredient No. 5” na antologia *Undercities* [119]; H. Pueyo [120], com contos e noveletas em várias publicações, como “What the South Wind Whispers” [121] na *Clarkesworld and "Saligia"* [122], publicada em março de 2019 na *Samovar*; e Laura Pohl [123], que publicou seu primeiro livro de ficção científica, *The Last*

8 (vencedor do International Latino Book Awards de 2019) diretamente em inglês.

E mesmo com tantas coisas acontecendo no presente, parece que a F&FC brasileiras estão olhando tanto para o passado quanto para o futuro.

Em relação ao passado, algumas editoras estão reimprimindo livros de F&FC de autores brasileiros clássicos: a editora Wish [124] está financiando uma nova edição de *A rainha do ignoto* de Emília Freitas, publicado pela última vez em 2003 e atualmente fora de catálogo; a Antofágica [125] publicou uma edição de luxo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do mundialmente aclamado Machado de Assis [126], com ilustrações originais de Candido Portinari [127] (algumas pessoas alegam que Memórias não é uma fantasia, mas pessoalmente acho que o fato de ser narrado por um homem morto e apodrecido o qualifica como tal); e Plutão [128] não só publicou Sobre a imortalidade de Rui de Leão, um e-book com duas versões de uma história de ficção científica de Machado, como também está planejando publicar várias obras da Primeira e Segunda Onda da Ficção Científica entre 2020 e 2021.

A academia brasileira também está abordando a produção de F&FC de uma maneira mais estruturada. Os já mencionados Bruno Anselmi Matangrano [129] e Enéias Tavares [130] publicaram *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo* depois de uma extensa revisão do histórico da F&FC brasileiras, e desse trabalho surgiu a proposta de um novo movimento literário, o fantasismo. Eles determinam o começo desse movimento mais ou menos em 2000, com a publicação dos primeiros livros de André Vianco e a indicação de *Síndrome de quimera*, de Max Mallmann [131], ao Jabuti [132], prêmio literário brasileiro de maior prestígio. De acordo com Bruno e Enéias, o movimento se justifica pela existência de uma produção

estruturada de histórias brasileiras com diferentes níveis de “elementos insólitos” — e, por “produção estruturada”, referem-se a mais autores se aventurando na F&FC, à criação e florescimento de editoras e selos especializados, maior volume de pesquisa acadêmica sobre os gêneros e mais canais de divulgação. Eles estão até mesmo propondo um manifesto e, talvez, um evento em 2022 — ano do centésimo aniversário da Semana de Arte Moderna [133], que marcou o começo do modernismo brasileiro.

Em relação ao futuro, o crescimento do mercado audiovisual brasileiro de obras de F&FC significa que os gêneros estão alcançando públicos maiores, muitas vezes de gente não iniciada no gênero. Um exemplo é *3%*, a primeira série original da Netflix produzida no Brasil. Ela foi veiculada mundialmente, e não raro foi o primeiro contato de muitos brasileiros com a F&FC produzida no país. Há também *Bacurau*, um dos filmes mais discutidos de 2019, que se passa em um futuro próximo e tem elementos de F&FC. E, além disso, a maior rede de televisão brasileira, a Globo, acabou de anunciar uma série de fantasia original, *Desalma* (escrita por Ana Paula Maia [134]) para 2020.

A junção disso tudo forma um panorama muito empolgante, considerando que faz apenas 130 anos desde que Emília Freitas deu os primeiros passos na F&FC brasileira com a primeira novela dos gêneros.

CONCLUSÃO

Enquanto escrevo estas palavras, dias depois de começar a escrever este artigo, a floresta amazônica continua queimando. E agora, meu medo é que os livros sejam os próximos — por mais incrível que possa parecer, também enquanto escrevo estas palavras, o pastor que acabou virando

prefeito do Rio de Janeiro está tentando banir um quadrinho da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro porque nela há uma ilustração de um beijo gay [135]. Sim, é isso mesmo. Estamos em 2019, e não em 1933. No Brasil, um país supostamente laico, e não em uma teocracia.

E, enquanto escrevo estas palavras, o livro novo do Felipe Castilho, *Serpentário*, está ao meu lado. Acabei de terminar de ler. Coincidentemente ou não (spoiler: não é), um dos personagens do livro é um pastor charlatão que tentar “curar” adolescentes LGBTQIA+.

Serpentário é um livro de fantasia e horror cósmico com uma rede intrincada de símbolos. E um deles, obviamente, é a cobra. Meus pais assistem ao jornal. Olho para a TV e vejo um fluxo de pessoas avançando pelo corredor da Bienal do Rio. Elas estão gritando trechos da Constituição Brasileira: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Abro o Twitter e vejo que agora a multidão está com bandeirinhas LGBTQIA+ e livros, gritando “não vai ter censura” [136]. Para tornar tudo ainda mais dramático, hoje é dia 7 de Setembro, independência do Brasil.

É impossível não pensar sobre o boitatá, mito brasileiro sobre uma enorme cobra feita de fogo. Foi registrado ainda nos anos 1500 por José de Anchieta em uma de suas primeiras cartas para Portugal, onde diz que “acomete rapidamente os índios e mata-os” — o que ele não diz é que o boitatá só faz isso com aqueles que destroem a floresta. Ele é o guardião da floresta. Fica mais forte e se ergue quando alguém ameaça seu lar.

Podia concluir esse artigo de muitas formas, mas acho que não há analogia melhor. Dadas as novas características da nossa literatura de F&FC e o contexto político e econômico do país, estamos sob ameaça.

Mas, ao mesmo tempo, estamos na nossa melhor forma. E, assim como o boitatá, estamos prontos para nos erguer e encarar todos aqueles que continuarem tentando botar fogo nas coisas pelas quais lutamos.

JANA BIANCHI É AUTORA, TRADUTORA, EDITORA DA REVISTA MAFAGAFO, COHOSTESS DO PODCAST DE ESCRITA CURTA FICÇÃO E PASSEADORA DE LOBISOMENS. PUBLICOU A NOVELA LOBO DE RUA EM 2016, E SEU TRABALHO DE FICÇÃO CURTA JÁ SAIU EM DIFERENTES REVISTAS E ANTOLOGIAS. PODE SER ENCONTRADA ONLINE COMO @JANAPBIANCHI NO TWITTER [138] E NO INSTAGRAM [139].

Ligações externas

- [1] https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Anchieta
- [2] <https://twitter.com/BrunoMatangrano>
- [3] https://twitter.com/Eneas_Tavares
- [4] https://pt.wikipedia.org/wiki/Em%C3%ADlia_Freitas
- [5] https://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B4nimo_Monteiro
- [6] https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Carneiro
- [7] https://pt.wikipedia.org/wiki/Gumercindo_Rocha_Dorea
- [8] https://pt.wikipedia.org/wiki/Din%C3%A1_Silveira_de_Quir%C3%B3s
- [9] <https://www.sfsite.com/fsf/>
- [10] <https://theveryslowbookreviewer.wordpress.com/sobre/>
- [11] https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_de_Sousa_Causo
- [12] https://pt.wikipedia.org/wiki/Octavio_Arag%C3%A3o
- [13] https://pt.wikipedia.org/wiki/Br%C3%A9lio_Tavares
- [14] <https://fcbrasileira.wordpress.com/inicial/manifesto-antropofagico-da-ficcao-cientifica-brasileira-1988/>
- [15] https://pt.wikipedia.org/wiki/Oswald_de_Andrade
- [16] <https://pt.wikipedia.org/wiki/>

Manifesto_Antrop%C3%B3fago

[17] [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9s_\(tribo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9s_(tribo))

[18] <https://pt.wikipedia.org/wiki/>

Acidente_radiol%C3%B3gico_de_Goi%C3%A2nia

[19] <https://twitter.com/crislasaitis>

[20] <https://twitter.com/anadefnistera>

[21] https://pt.wikipedia.org/wiki/Lady_Sybylla

[22] https://twitter.com/cirilolemos_

[23] <https://twitter.com/logdovic>

[24] <https://twitter.com/flashfictionbr>

[25] https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_del_Fuego

[26] <https://luizbras.wordpress.com/luiz-bras/>

[27] https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Vianco

[28] https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Spohr

[29] <https://jovemnerd.com.br/quem-somos/>

[30] <https://jovemnerd.com.br/rpg/>

[31] https://twitter.com/lavi_rocha

[32] <https://twitter.com/jaridarraes>

[33] <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dandara>

[34] https://pt.wikipedia.org/wiki/Zumbi_dos_Palmares

[35] https://twitter.com/cirilolemos_

[36] https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%Albio_Kabral

[37] https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu_Ain-Zaila

[38] <https://twitter.com/savagefiction>

[39] https://twitter.com/waldson_

[40] <https://twitter.com/sergiomotta18>

[41] <https://mafagaforevista.com.br/>

[42] <https://twitter.com/jimanotsu>

[43] <https://twitter.com/logdovic>

[44] <https://manifestoirradiativo.wordpress.com/eng/>

- [45] <https://twitter.com/logdovic>
- [46] <http://ericnovello.com.br>
- [47] <http://agenciapag7.com.br>
- [48] <https://twitter.com/guiliaga>
- [49] https://twitter.com/_taissareis
- [50] <http://ericnovello.com.br>
- [51] <https://www.editoraseguinte.com.br/>
- [52] https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornadas_de_Junho
- [53] <https://twitter.com/barbaraescreve>
- [54] <https://twitter.com/ComoEuRealmente>
- [55] <https://mafagaforevista.com.br/>
- [56] <https://theintercept.com/2018/10/05/jair-bolsonaro-brazil-election-stabbinng>
- [57] <https://twitter.com/felcastilho>
- [58] https://pt.wikipedia.org/wiki/Comic_Con_Experience
- [59] <https://twitter.com/LauroKociuba>
- [60] <https://twitter.com/tdislexico>
- [61] <https://twitter.com/robertaspindler>
- [62] https://twitter.com/Suma_BR
- [63] <https://alinevalek.com.br>
- [64] <https://www.rocco.com.br/selo/fantastica-rocco>
- [65] <https://thiagolee.com.br>
- [66] <https://twitter.com/paolasiviero>
- [67] https://pt.wikipedia.org/wiki/Socorro_Acioli
- [68] <https://www.fipe.org.br/en-us/institutional/about-fipe>
- [69] <http://prolivro.org.br/home>
- [70] <http://lendari.com.br>
- [71] <https://twitter.com/anadefinisterra>
- [72] <https://www.editorapatua.com.br>
- [73] https://pt.wikipedia.org/wiki/Br%C3%A1lulio_Tavares

- [74] <https://theveryslowbookreviewer.wordpress.com/sobre>
- [75] <https://twitter.com/claudiadugim>
- [76] <http://aveceditora.com.br>
- [77] <https://twitter.com/azcordenonsi>
- [78] <https://eneiastavares.com.br>
- [79] <https://twitter.com/NikelenWitter>
- [80] <https://www.livrariamomomito.com.br>
- [81] <https://anarusche.com>
- [82] <https://www.dameblanche.com.br>
- [83] https://pt.wikipedia.org/wiki/Lady_Sybylla
- [84] <https://www.plutaolivros.com.br>
- [85] <https://twitter.com/delsices>
- [86] <https://editoradraco.com>
- [87] <https://twitter.com/leonelcaldela>
- [88] <https://twitter.com/karensoarele>
- [89] <https://jamboeditora.com.br>
- [90] <https://twitter.com/guilhermesvald>
- [91] <https://trasgo.com.br/>
- [92] <https://twitter.com/rodrigovk>
- [93] https://twitter.com/ferraz_lucas
- [94] https://twitter.com/soraya_coelho
- [95] <https://mafagaforevista.com.br>
- [96] <https://twitter.com/faiscamafagafo>
- [97] <https://twitter.com/piomafagafo>
- [98] <http://revistavessa.com>
- [99] <https://tavernablog.com/tag/revista>
- [100] <https://revistabalburdia.tumblr.com>
- [101] <https://apoia.se/dragaobrasil>
- [102] <https://twitter.com/JMTrevisan>
- [103] <http://www.temposfantasticos.com>

- [104] <http://www.angelodias.com.br>
- [105] <http://casafantastica.com.br>
- [106] <http://www.flipop.com.br>
- [107] <http://odisseiafantastica.com.br>
- [108] <https://www.flip.org.br>
- [109] <https://twitter.com/dianapassy>
- [110] <https://dudaescritor.wordpress.com/>
- [111] <https://twitter.com/Calczar>
- [112] <https://www.eamb.org/the-author>
- [113] <https://theveryslowbookreviewer.wordpress.com/sobre/>
- [114] <https://isaprospero.com>
- [115] <https://isaprospero.com/2019/08/08/artist>
- [116] <http://thefantasmag.com/issue-7/>
- [117] <https://twitter.com/flashfictionbr>
- [118] <https://dantelui.com/about>
- [119] <https://dirtybirdspress.com/undercities>
- [120] <https://hachepueyo.com/>
- [121] http://clarkesworldmagazine.com/pueyo_11_18
- [122] <http://samovar.strangehorizons.com/2019/03/25/saligia-english-translation>
- [123] <http://onlybylaura.com/books>
- [124] <https://www.editorawish.com.br>
- [125] <https://antofagica.com.br>
- [126] https://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis
- [127] https://pt.wikipedia.org/wiki/Candido_Portinari
- [128] <https://www.plutaolivros.com.br>
- [129] <https://twitter.com/BrunoMatangrano>
- [130] https://twitter.com/Eneas_Tavares
- [131] https://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Mallmann
- [132] <https://www.premiojabuti.com.br>

- [133] https://pt.wikipedia.org/wiki/Semana_de_Arte_Moderna
- [134] https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Paula_Maia
- [135] <https://oglobo.globo.com/cultura/crivella-manda-recolher-hq-dos-vingadores-com-beijo-gay-bienal-se-recusa-23930534>
- [136] <https://twitter.com/VictorFerreira/status/1170484787368353793?s=20>
- [137] <https://janabianchi.com.br>
- [138] <https://twitter.com/janapbianchi>
- [139] <https://www.instagram.com/janapbianchi>

Reposição

ISA PROSPERO

Ele prometeu que manteria o coração, mas as circunstâncias mudaram. E é só superstição, no fim das contas, toda aquela história de o-coração-é-o-lar-da-alma, você não precisava ter estudado pra saber que era o cérebro que dava as ordens – se não, qualquer um com um coração brilhante seria um imbecil sem sentido ou um robô sem emoções, e Jô conhecia gente que tinha feito o serviço. Era igual a vender uma perna ou fígado, só mais complicado por causa do sangue que bombeava através dele. Mas tente dizer isso à sua mãe.

Então ele não tenta. Só sai da caixa de aço que eles chamam de casa sem dizer nada e, quando ela grita: “Aonde vai?”, mente fácil: “Ao ferro-velho”.

“Não vá perto da fronteira”, ela diz na voz de alguém que espera ser desobedecida mas está cansada demais pra fazer algo a respeito disso.

“Não vou”, ele mente de novo.

Então sai pela porta e está na favela. Não é assim que a chamam hoje em dia – a cidade de fora, dizem no noticiário –, mas antigamente, de acordo com Marcos, seu nome era esse. Marcos estudou por um tempo, antes das escolas fecharem de vez, depois voltava e contava a Jô o que tinha aprendido. Muita coisa ele esqueceu, mas isso ficou grudado na cabeça: que favela era uma planta que se tornou o nome para uma comunidade, um arbusto espinhoso com florzinhas brancas que crescia nas colinas onde as pessoas começaram a construir barracos. Isso surpreendeu Jô por dois motivos: primeiro por algo feio receber o nome de algo

belo, segundo porque ele nunca vira uma flor e não conseguia imaginar uma crescendo onde vivia.

Ali, perto de onde o antigo rio corria antes de ser cimentado, nada nascia nos trechos de poeira entre as faixas de asfalto. Não que fosse muito melhor em qualquer outro lugar. Uma cidade com nome de santo – que piada. Você só precisava passar um tempo em São Paulo pra deixar de acreditar em Deus. Na igreja, quando a mãe o arrastava, eles falavam sobre recompensas, campos verdejantes e abundância, mas tudo que ele conhecia era cinza, sangue e fumaça.

E os padres diziam que você precisava ser inteiro pra entrar no céu. Outra piada. Era fácil para os desgraçados ricos que compravam as partes de gente como ele, sempre se renovando. Mas se sua única fonte de renda era seu corpo, não havia muita escolha.

O pai de Marcos tinha um emprego, então Marcos pôde estudar e era quase inteiro. Ele repôs um olho quando era pequeno (a mãe ficou doente e eles precisavam do dinheiro) e um pulmão alguns anos depois (crise do mercado; os preços subiram quando um incêndio destruiu as colheitas). As pessoas relutavam em vender membros porque era óbvio demais – você não conseguia um emprego decente se era todo repostado – mas interessava aos ricos então vendiam alto. Além disso, era muito mais seguro trocar um braço ou perna – mais fácil de instalar, menos jeitos de dar errado. Órgãos apresentavam todo tipo de problemas com o tempo, especialmente se você os arranjava com um médico dos fundos e não um de verdade. Mas médicos de verdade ficavam com uma porcentagem tão grande que mal valia a visita. Suas reposições eram melhores, mas Jô conhecia lugares que conseguiam órgãos mais baratos de países distantes, de modo que a parcela do doador era maior.

Todas as suas reposições foram assim – o braço, a

perna, os pulmões, o rim e os olhos. A mãe chorava toda vez, dizendo que ele nunca entraria no céu, mas Marcos dizia que isso era bobagem. Se havia um Deus, ele argumentava, ele tem que saber que a gente não teve escolha. Senão, pra que serve?

Jô acreditava nele. Não porque se importava particularmente com o que aconteceria depois da morte, mas porque confiava em Marcos para tudo. Nunca conheceu alguém mais inteligente. Desde que eram crianças, morando um ao lado do outro, Jô o ouvia o dia todo, falando sobre coisas que não entendia completamente, explicando conceitos com imagens e letras na poeira.

Milagroso, o jeito como funcionavam os dedos de Marcos: criadores de cenas e mundos inteiros, delicados e precisos. Uma vez ele prendeu a mão em sucata e gritou ao puxá-la, pensando que perderia os dedos; os outros garotos riram e o chamaram de menina, mas Jô quase começou a chorar também. Seria uma pena perder aqueles dedos. Dedos brilhantes não desenhariam tão bem.

Esta é outra coisa que sua mãe não aprovaria – que ele está apaixonado por um garoto. Talvez aprovasse menos do que ele vender o coração. E definitivamente não aprovaria o motivo para ele fazer isso.

O pensamento não diminui seu passo enquanto ele percorre os becos estreitos até seu destino. A doutora mora perto da fronteira, próximo da cidade de fora que precisa vender e da cidade de dentro que quer comprar. Há uma cerca ali, com um portão largo e guardas com metralhadoras gigantes. Atrás dela, a cidade se ergue infinita e vertiginosa, arranha-céus cinza arranhando um céu da mesma cor. O portão fica aberto durante o dia, mas você não consegue entrar se eles não gostam da sua cara ou da sua cor. Marcos costumava ter que mostrar os documentos pra passar, provando que ia para o trabalho.

Jô não ficou surpreso quando ele arranjou emprego, com aquela mente e aquelas mãos, mas que desperdício era colocá-lo pra lavar chãos e banheiros. Só que Marcos não ligava – ele foi contratado por uma família que vivia num condomínio fechado com um jardim.

Eles têm árvores, ele contava pra Jô de noite, árvores de verdade como nas antigas florestas, embora espécies que nunca nasceram naturalmente lá – as sementes eram trazidas de partes diferentes do país e replantadas em casas particulares, ele explicava –, mas mesmo assim, era incrível. O próprio ar é diferente, ele dizia, e há cheiros que você não acreditaria. Então ele tentava definir esses cheiros, fazendo Jô rir porque “como o céu quando está azul” não significava nada.

“Eu queria ter vivido naquela época”, Marcos disse uma noite quando eles estavam sentados no telhado do seu barraco. “Antes de tudo isso.” Ele deu um tapinha no braço de metal de Jô, que refletia o luar. “Tudo aquilo.” Apontando para o ar, a noite, a cidade se alongando à distância, milhões de luzinhas dentro de espirais escuras. Então ele parou, os olhos perdidos em algum pensamento triste, e Jô disse “Me conte das flores de novo”, recebendo um sorriso de volta que fez a noite parecer iluminada.

Não está iluminado agora, apesar do sol que o fustiga e reflete o aço ao seu redor. A casa da doutora é uma caixa como todas as outras, mas seu cheiro é inconfundível, uma mistura de sangue e antisséptico. Ela não é uma doutora de verdade, claro, não como os inteiros com seus diplomas – o apelido é um meio deboche, do jeito que as coisas funcionam por ali. De vez em quando ela é presa, mas sempre a soltam no fim, porque alguém precisa fazer o serviço.

Ela franze o cenho de leve quando ele entra, apertando os lábios. Há uma pausa desconfortável em que

ele pensa que ela vai dizer algo diferente, mas o que sai é: “Sua mãe me disse pra não operar em você.”

“Esquece isso”, diz Jô. “Ela nem vai saber se você me costurar direito.” Ele bate no peito.

A mulher ergue uma sobrancelha. “Isso é delicado. Você entende que há uma chance que...”

“Preciso voltar pra casa antes do jantar. Dá pra fazer agora? Você tem um comprador?”

Ela hesita, então solta o ar. “Sempre tem pra um coração.”

Eles fazem ali mesmo. Ele não vai se lembrar de nada, apagado por um negócio potente que ela consegue só Deus sabe onde, acordando algumas horas depois sentindo uma dor latejante no peito. Olha pra cicatriz, uma linha vermelha irritada. A doutora diz que a dor vai melhorar em alguns dias. Ele duvida.

Mas nada mais parece diferente. Ela é boa.

“Tem umas roupas aí? Preciso ir pra dentro”, ele diz, a mão escorrendo no próprio sangue enquanto se senta. Ela tem: um garoto do tamanho dele morreu dois dias atrás, depois que o pulmão brilhante quebrou. Jô pega uma camisa de manga comprida que vai esconder seu braço e calças que vão disfarçar a perna. Não há muito que pode fazer quanto aos olhos, mas ele provavelmente não vai ser parado por isso – até na cidade de dentro o pessoal vende um olho ou dois.

Eles o deixam passar pelo portão e ele pega um trem, quatro paradas, com os olhos abaixados, a mão de carne apertando o dinheiro dentro do bolso da calça. Sai. Encontra a loja sem dificuldades – ficava no caminho de Marcos pro serviço e ele mencionava o tempo todo – mas estanca ao entrar. É a primeira vez que está num lugar como esse. Cheira diferente mesmo, ele pensa.

Então o momento estoura. Ele fica nervoso perto dos inteiros, que o olham como se soubessem de onde vem,

relanceando para os guardas para o caso de terem que mandá-los pra cima de Jô, e ele só compra o que veio buscar e vai embora. E volta – as quatro paradas, o portão, até a cidade de fora –, vira à esquerda e anda e anda e anda. As casas ficam mais esparsas e então há um trecho de terra queimada cheia de sucata recuperável – o ferro-velho – e, no outro lado, um muro de concreto com um portão diferente. Menor. Sempre aberto.

Marcos jurou que não estava roubando; só queria ver como era a textura, parecia tão suave, tão diferente de metal. Mas aprendeu que flores eram frágeis. Uma pétala caiu. Foi chamado de ladrão e a lei diz que ladrões não precisam de mãos.

Ele chorou por dias quando as tomaram.

Algumas semanas depois parecia bem, mas Jô conseguia ver a diferença – seus sorrisos não brilhavam mais nos olhos, e os olhos se perdiam ao longe. Jô pedia que falasse das coisas que sabia, das coisas que gostava, mas lembrar dos jardins só o deixava mais triste então ele parou de pedir, observando impotente enquanto Marcos ficava cada vez mais quieto, aquele olhar distante se voltando para dentro, até algo que só ele conseguia ver. Ele não conseguiu um emprego com aquelas mãos. Teve que começar a vender também.

Não é culpa da doutora, ele pensa ao entrar. Ela é boa. As vidas só são curtas ali fora.

A única placa é aço com o nome dele gravado, a primeira palavra que Jô aprendeu a ler, pedindo por ela em vez do próprio nome, desenhando-a na poeira quando estava sozinho. Ele a lê agora, murmurando os sons para si mesmo como uma prece. E na frente dele, o único túmulo do lugar com tal honraria, ele deixa uma flor que custou um coração.

ISA PROSPERO MORA EM SÃO PAULO, ONDE TRADUZ, REvisa E ACUMULA LIVROS. SUAS HISTÓRIAS APARECERAM NAS REVISTAS TRASGO, MAFAGAFO E SUPERINTERESSANTE, ALÉM DE REVISTAS E ANTOLOGIAS INTERNACIONAIS. PARA CONHECER SEU TRABALHO, VISITE SEU SITE: ISAPROSPERO.COM.

Progressão

HEITOR ZEN

UM

Foi na época em que o Anjo morava com a gente. Já não aguentava mais varrer as penas. Que seu quarto fosse um ninho impregnado daquele odor celestial, eu não me importava. Passei a me incomodar quando levei um cara qualquer para passar a noite e uma auréola suja tinha sido deixada sobre o sofá. Ele me perguntou o que era, tive de explicar toda a história. A longuíssima história. De como nos conhecêramos, a visão do paraíso se abrindo, o esplendor divino, a aparição, etc, etc. Como esperado, aquilo acabou com todo o clima e passamos o resto da noite discutindo teologia. Eu já não suportava mais o assunto.

Mas você não pode ir, não pode me deixar sozinha com ele. Minha colega de quarto mais mundana passava o dia inteiro fora, no escritório. Era de se esperar que ficasse aflita com minha ausência repentina. Expliquei que seria só um mês. Precisava dar uma esparecida, longe daquele ambiente miraculoso que se tornara nosso apartamento. Como vou fazer para cuidar dele sozinha?! Ora, ele faz tudo praticamente por conta própria. Basta trocar a água de manhã e à noite e abastecer a geladeira de abacates maduros, sua comida favorita.

Mentiras. Eu estava bem ciente da trabalhadeira que ela iria ter com ele. Concebido em outro plano existencial, o Anjo estava acostumado a receber o melhor tratamento e a passar horas, dias, às vezes semanas a fio em serena

contemplação. O que contemplava? Difícil dizer. Algo como a beleza da criação. Qualquer coisa sobre como a face de Deus resplandecia em cada silhueta terrena. Eu então questionava o gosto estético divino. Especialmente quando negligenciávamos a louça e brotavam aquelas larvinhas que se contorciam pela pia. De qualquer forma, enquanto ele contemplava, os afazeres domésticos se acumulavam. Sem minha ajuda, Helena sofreria.

DOIS

Achei por bem não me despedir de ninguém. Tinha medo de que me impedissem. Fugi durante a madrugada, por assim dizer. O Anjo estava acordado, pois não dormia. Deve ter fingido não notar, em sua infinita bondade. Aliás, podia muito bem ter ficado preso em alguma meditação ou prece noturna e se distraído tanto que não percebeu o barulho das rodinhas da mala sobre o assoalho, ou mesmo o tropeção que me rendeu uma mancha arroxeadada no joelho e uma exclamação emputecida que fora banida da residência desde que decidíramos dar abrigo ao ser iluminado de nome terminado em “el”. Engraçado como jamais decorei como se chamava. Miguel, Gabriel, Rafael, os nomes angelicais me soavam todos iguais. Apelidei-o de “Fel”, durante uma confraternização em que ficáramos os dois especialmente bêbados. Ele gargalhara, algo na linha de como jamais compreenderia os meandros do pensamento humano. Aquela pose perene de superioridade criacional que me tirava do sério. Porra, podia de vez em quando fingir que existia em pé de igualdade conosco. Só de vez em quando, pedia muito? Achava que não. Ele concordava, mas nada mudava. Talvez não pudesse mudar, feito planta que insiste em mirar o sol por mais que se vire o vaso.

QUATRO

Quando ganhei o mundo, simultaneamente me perdi. Ou, ao contrário, para ganhar o mundo eu precisava me perder nele. Foi o que fiz. Ao cabo de uma quinzena já nem sabia onde me encontrava.

– Sem códigos e metáforas, Pedro. Onde diabos você está?

– Ui, diabos. Ele deve estar na cozinha.

– Estou ligando do escritório.

– Não sei onde estou.

– Como assim não sabe?!

– Peguei o metrô, depois o trem, depois um ônibus e desci quando achei que estava distante o suficiente de mim mesmo. Estou andando a esmo há meia hora. Não reconheço nem os postes da rua.

– Quer dizer que ainda está na cidade?

– Talvez. Não dá pra ter certeza. Me lembro de um aeroporto, em algum ponto. Mas nem disso estou seguro. Pode ter sido somente o barulho de um avião.

Coincidentemente, a força do acaso quis que fosse parar numa igreja. Uma capela carcomida, construída apoiada no morro, tão à margem do que se entendia como igreja quanto a rua de terra batida que levava até ela. Seus bancos vazios me irritaram. Na realidade, o eco produzido pelo espaço abandonado foi o que me enervou. No fim das contas, me percebi com raiva da própria voz. Não que o sentimento autodestrutivo me fosse estranho. Só pensei que era inapropriado que surgisse ali, tão fora de circunstância. Tão longe do cotidiano. Saí.

OITO

No verão piorava. As sucatas vibravam com o calor, transpiravam, desprendiam-se. O resultado vinha no formato de ondas opacas de luz malcheirosa. O ferro velho ficava inteiro empestado daquele odor, e não se podia escapar dele mesmo nos trilhos do trem, mais além, por onde caminhávamos sem objetivo nos dias mais quentes. “Você é hilário”, ela me disse. Achei a observação exagerada. Segui me equilibrando sobre a linha, me esforçando para não cair. Hilário era que estivesse há tantos anos vagando e tivesse me acomodado ali, entre todos os lugares que poderia ter escolhido. E que houvessem me arrumado uma companheira tão similar a Helena, com quem dividira uma vida diferente, mesmo que apenas na superfície. Desde que destruía o celular, perdera a noção de proximidade. Embora me fosse permitido usar o aparelho da sede, contanto que compensasse em serviço as palavras trocadas. Fiz meus cálculos e decidi que não valia a pena. Preferia matar o tempo com aquela garota metálica que se movia desajeitadamente para cima e para baixo, sempre me seguindo. “Você é brilhante”, ela me disse. Sorri e notei que um de seus olhos tinha se soltado e caído alguns metros para trás. Voltei, apanhei-o, limpei-o com a barra da camiseta e ajudei-a a encaixá-lo de volta na órbita. Ela prescindia deles para enxergar, se é que realmente enxergava. No entanto, eram parte vital de seus poucos recursos de expressão. Sem eles, as sobrancelhas riscadas a giz ficariam ainda mais patéticas. Alcançamos o limite da propriedade, marcado pela encruzilhada. Dali em diante morava o perigo, pois as locomotivas ainda perambulavam desgovernadas desde o apagão. De um jeito ou de outro, o pai a proibira de cruzar a fronteira. E eu me recusava a prosseguir sozinho. Então voltamos, mais devagar do que fomos. “Você é lindo”, ela me

disse.

SEIS

Me encontraram dormindo na calçada. Sem que eu notasse, tamanho o estado de desidratação a que chegara, me puseram para dentro e jogaram meu corpo inerte sobre algo que já fora uma cama, mas que agora era uma piada de mau gosto. Lembrava-me de ter aceitado comida e água. Muita água. Aos poucos, fui voltando a mim. Nunca totalmente, nunca por completo. Alcancei um estágio intermediário de ciência das coisas e nele permaneci. Me apresentaram o ferro velho, explicaram como se ganhava dinheiro por ali, como se sobrevivia. Muito solícitos, muito educados, os funcionários do empreendimento mequetrefe acabaram descobrindo que me chamava Pedro e que tinha fugido de casa. A fuga era mentira, ou no máximo uma aproximação, porém explicar a situação nos detalhes exigia um esforço que não estava disposto a realizar. Eles me acolheram e me levaram até o pai. O pai dominava o local. O pai mandava, os demais ouviam e obedeciam. Ele me recordava o Anjo, mas às avessas. Não que mostrasse sinais de impiedade ou sadismo. Mais pela miséria em que vivia, mais pelo fato de que precisava se impor, quando o Anjo conseguia que todos o servissem sem que se fizesse necessária uma só solicitação. Cogitei me rebelar contra sua autoridade. Ele me dissuadiu quando montou a garota metálica a partir dos restos de um androide desativado e a me deu de presente.

TRÊS

Logo que saí do apartamento, não soube como agir. Faltavam-me planos. Meu primeiro reflexo foi abrir um aplicativo e chamar um motorista. Todavia, esse tipo de procedimento deixava um rastro e eu já pretendia desaparecer desde aquele momento. Não sabia que levaria tanto tempo para retornar. Um mês arrastaria consigo o resto do ano, e o próximo, e o seguinte, até que me esquecesse do caminho de volta. E, depois, não fazia mais sentido voltar. Por mais que o Anjo tivesse ido — por mais que já tivesse ascendido, ou sido acolhido novamente junto à plenitude celeste, alçado voo, desaparecido, reencarnado ou o que quer que fosse que os anjos faziam quando partiam — Helena provavelmente teria seguido em frente. Arrumado outros colegas de quarto, para repor a ausência dos que a abandonaram. Então eu também segui em frente. Andei até a estação, e de repente o metrô se convertera num barco pesqueiro que me deu carona a contragosto para que atravessasse o canal. Escutara rumores de que havia esperança na outra margem. Em retrospectiva, devia ter desconfiado de meus ouvidos. Bebia abundantemente num bar do porto, na companhia de cinquenta homens e pouquíssimas mulheres, portanto o desespero se constituía na voz que ladrava mais alto no recinto. E onde reina o pânico, a esperança não demora a ser mencionada, pintada de ouro, travestida de princesa, alardeada aos quatro ventos como a terra prometida. O lado de lá do canal era igual ao de cá.

ZERO

Conheci Helena na feira. Eu comprava bananas, ela carregava um exemplar de cada legume ou fruta já inventado, feito uma arca de Noé para vegetais. Foi como

puxei assunto, ajudando com as sacolas. A miríade de sacolas que não se rompiam somente por compaixão. Acompanhei-a até onde morava, só cinco minutos caminhando, moço, se pudesse ajudá-la agradeceria muitíssimo. Deixei-me levar por seu papo mole e busto farto. Sempre tive um fraco por mulheres diretas e rapazes tímidos. Ela me pediu para que entrasse. Podia deixar ali na cozinha, muito obrigada. Em semanas morávamos juntos, sem nunca ter havido um pedido de namoro, nem nada. Seria sempre assim entre a gente, passos apressados que não levavam a parte alguma. Até que o que tínhamos, e que eu jamais soube identificar, esfriasse e eventualmente morresse. Mesmo quando passamos a dividir os rapazes tímidos, não foi suficiente para nos resgatar. Ela decerto esperara que eu arrumasse um emprego decente, que estudasse, que me tornasse alguém na vida. Queria filhos, brigávamos constantemente por causa daquele papo insuportável de filhos. Foi o que trouxe o frio para dentro de casa. E depois, ironicamente, o Anjo, com seus modos escassos e penas sobressalentes. Uma benção deturpada, porque de súbito tínhamos um filho crescido e o que me horrorizava eram os bebês. Passamos de amantes a meros colegas de habitação, unidos pela responsabilidade que nos fora imposta. E eu decidi fugir.

HEITOR ZEN É ESCRITOR E FUNCIONÁRIO PÚBLICO EM SÃO PAULO. GRADUADO EM DIREITO PELA USP E PÓS-GRADUADO PELA FAAP. DIVIDE O TEMPO ENTRE O JURÍDIQUÊS QUE ESCREVE NO TRABALHO E AS HISTÓRIAS QUE SE ESCREVEM (PRATICAMENTE) SOZINHAS EM CASA. INSTAGRAM: @HEITORZEN

Aranha

SERGIO MOTTA

Lá se vai mais um neguinho do Glicério metido com droga, tagarelava a vizinha numa praça qualquer da Baixada, para quem quisesse ouvir. Fossem crianças que brincavam de bola, os botequeiros que se embriagavam de cerveja e risadas ou os jovens de bombeta que se drogavam nos cantos escondidos da rua.

Mas o menino a quem se referia, ela viu em outra praça, mais movimentada e conhecida: a Praça da Sé. A mãe acabara de partir ladeira acima, arrastando a filha mais nova. Já era noite e o garoto não havia voltado.

Também, continuava a linguaruda, com uma família dessas! Mãe solteira com um filho de cada homem, e que não para em casa. A filha mais velha vagabundeia até altas horas por aí. Logo mais tá parindo também. O coitado do menino tinha que cuidar da irmã mais nova que só vive doente; precisava de uma boa benzedeira. Agora virou um trombadinha. Afinal, por que mais ele passaria a tarde toda papeando com um preto moribundo no meio da Sé?

O pirralho tinha um vício a alimentar e encontrou um fornecedor na Sé, ela tinha certeza. Queria vender uma parte e usar o resto.

O pirralho era Heitor. E o que Heitor queria era histórias.

Curioso que só, metia os ouvidos cá e lá. De onde vinha as orelhas de abano, explicava Maia, a irmã de quatorze anos. De rabo de olho, lia as notícias dos jornais, as conversas nos celulares e os livros em mãos alheias; daí os “zóiões”, zombava a mais nova, Antônia.

Naquela manhã mesmo, carregava três pães quentinhos na fila do mercado — um para ele, um para cada irmã. A mãe saiu para trabalhar em jejum e deixou umas moedas na mesa para os pães; comeria algo na casa da patroa. Heitor queria saber porque a senhora à sua frente havia lotado o carrinho tão cedo, enquanto o rapaz antes dela apressava-se para levar apenas um leite em pó e dois maços de cigarro. O leite é para crianças com mais de um ano, alertou a moça do caixa.

Opa!, o homem correu para trocar, segurando a fila impaciente. Um filhinho! Por isso a compra rápida e urgente. O moço deveria parar de fumar! Heitor havia lido também todos os avisos dos maços na vitrine da padaria e jogados pela rua; nenhum final feliz.

Ai, moço, demora não, suplicou a senhora. Virou-se à prestativa caixa e contou que a netinha viria visitá-la e queria recebê-la com um bolo de chocolate. Se o moço demorasse, não daria tempo!

Por isso a compra recheada de guloseimas, percebeu Heitor. A boca encharcou-se. Bem queria um bolo de vó. Perguntou aos dois como eram as crianças. Ambas meninas. A do moço faria o primeiro aniversário em breve, a outra acabara de fazer quatro. Assim como a própria irmã caçula! Duas crianças fofíssimas; ao menos aos olhos-coruja de pai e avó. Heitor apenas imaginava.

Eram crianças de muita sorte, regadas de amor e presença.

Ainda soube que nem o moço nem a senhora eram de São Paulo, como ele; o moço recém-chegara de Cabo Verde. A avó retirou-se do Piauí há quase cinquenta anos! O menino de dez arregalou os “zóiões” com o tempo desmedido. Apesar das tantas coincidências, as histórias tornavam cada um, um.

Eis a magia.

Quando chegou em casa, os pães já estavam frios e ele atrasado para a escola. Enfiou tudo na boca e saiu.

“Por isso esses bochechões!”, disseram as irmãs em unísono.

A Baixada do Glicério era repleta de praças e contos. No cotidiano ou nos livros, contemporâneos ou ancestrais, de Américas, Ásias e Áfricas. Mas Heitor queria mais: histórias de São Paulo, de mundo.

Voltava da escola ainda fantasiando as histórias do mercadinho. Já tinha merendado e não tinha dever de casa. Tinha de buscar Antônia na creche só às cinco. Passaria a tarde na Sé.

Garis, ambulantes, sacoleiros, ciganos, viajantes, sem-tetos, empresários e Heitor. Fosse quem fosse, a Sé recebia qualquer um que, no final do dia, quisesse apenas um prato de comida e uma noite de bons sonhos. Prosas dos quatro extremos da simplicidade paulistana cruzavam o marco zero de São Paulo.

A Sé era mágica, ele sabia. Mas o que nunca imaginava encontrar, encontrou: sobre o espelho d’água, o espelho do tempo.

Sentado na passarela de metal que cruza a fonte, havia um velho homem negro. Quase tão retinto quanto Heitor e os cabelos, embora alvos, como a barba e as roupas, também lembravam os dele: crespos e ralos. As orelhas grandes e as marcas no rosto ossudo denunciavam as décadas que carregava. Mas, para Heitor, era o espírito mais vivo da Praça da Sé.

Era caminho dos transeuntes indo e vindo às pressas; ignoravam-no, como se não estivesse ali. Era cenário dos turistas que fotografavam a paisagem; cortavam-no, como se

não existisse.

Se não existia, por que desviavam?

Seriam os olhos? Embora já derrubados pelas bolsas da idade, intimidavam. Profundos até a alma, como olhos de aranha. Ele fumava um cachimbo e tecia algo. Heitor não sabia dizer se um manto, uma bata ou uma vida. Entrelaços perfeitos como a natureza. Lembrou-se da mãe, sua primeira contista. Entre laçadas de tricô, narrava fábulas, rememorava suas próprias meninices em Gana, contava lendas ancestrais para ninar o pequenino Heitor.

E quem disse que o sono chegava?! O menino não queria o ponto final; fossem nos contos, fossem nos panos. Ambos o fascinavam. Quando os calos se formavam nos dedos de Abena, ela cessava. Então, a madrugada se preenchia de fantasias e sonhos acordados. Uma de suas histórias favoritas, ouvira aos cinco. Era sobre o nome da mãe, Abena. Significava “nascida em uma terça-feira”. Ela, as duas irmãs mais velhas e as quatro mais novas ocupavam todos os dias da semana, em sequência.

“A vovó é uma bruxa!?”

Abena riu-se, pois havia perguntado o mesmo à própria mãe na idade de Heitor; quando a última irmã nasceu em um sábado. Então explicou que a avó não era uma bruxa, mas tinha a sabedoria dos antigos.

“Os antigos eram bruxos!”, Heitor concluiu.

Desde que a mãe começara um curso técnico de enfermagem e o estágio noturno, Heitor não ouvia mais suas histórias. Saía antes do amanhecer e deitava com as roupas do trabalho. Quando logo não dormia, chorava. De exaustão, estresse, saudade, culpa.

Já do pai, nunca ouviu um conto. Heitor sequer sabia seu nome. Era a única história que Abena sempre se recusou a narrar. O homem se foi antes do nascimento do garoto. Maia — filha do mesmo pai de Heitor, diferente do que

pensava a vizinha — o conheceu, mas a mãe a proibiu de mencioná-lo. Se ele não quis ser pai, Heitor não tinha de ser filho.

Já Antônia convivia com o pai. Era do Cambuci, bairro vizinho. Costumava levá-la ao Parque da Aclimação aos sábados.

Após Antônia chegar com uma nova boneca e um novo sorriso de um domingo com o pai, Heitor fizera birra. Queria porque queria saber sobre seu pai; por que não tinha? Onde ele estava? Como ele era? Por que o deixou? Insistiu à mãe. Abena só conseguiu o distrair com uma história sobre uma esperta aranha que enganara até os deuses, contando histórias ao redor do mundo.

Heitor era como aquela aranha: preenchia-se com histórias.

“Me conta mais uma?”

O senhor levantou os grandes olhos para o menino. Heitor sentiu os pelinhos da nuca arrepiarem, as pernas amolecerem e o sorriso se abrir.

“Qual história, meu filho?”, embora a voz do homem fosse baixa, Heitor a sentiu vibrar pelos seus ossos. Tinham algo de íntimo a compartilhar. Algo de pele, de sangue, de alma.

Respondeu sem titubear: “Do mundo!”

O velho mostrou os dentes escuros e tortos. O mundo acontecia em São Paulo. E de São Paulo, podia contar qualquer história. Começou pela própria Sé. Quando, antes de ser Praça, era Largo. E como era bonita! O Largo da Sé não tinha pretensão de ser paisagem, futuro ou Europa. Apenas Sé.

“Você nem imagina, meu filho.”, os olhos de Heitor cintilavam com as palavras do homem: além de sabido, tinha muito bom gosto.

Então, fizeram o metrô... o velho dizia que o metrô era a mais venenosa das serpentes que já conhecera. E os passageiros que se amassavam e eclodiam da estação, lembravam o mais selvagem dos vespereiros.

“Antes fossem cobras e vespas!”, esbravejou. Heitor perguntava-se porque, então, o homem ficava na Praça que tanto detestava.

Antes que pudesse questionar, ele emendara outro conto: o bairro da Liberdade, hoje central, era periferia da cidade. Heitor ficou boquiaberto. Como São Paulo havia crescido! O velho colecionava anedotas sobre o bairro, pois vivera ali por décadas. O encanto do Palacete Conde de Sarzedas? “Castelinho do amor” nada! Diziam que foi erguido pra amada francesa de um aristocrata do século XIX, mas o homem sabia a verdade. Parou a costura e aproximou-se do ouvido de Heitor para cochichar, sem sequer ponderar a idade do garoto: “Aquilo era pra festinhas libertinas de uns figurões do governo.”

O garoto arregalou os “zóiões”. O velho também e ambos riram à beça, como crianças travessas que eram.

“O amor não cabe aos ambiciosos, meu filho...”, refletiu por fim, tornando a tecer. Então, falou sobre as almas negras escravizadas e executadas na Praça da Força. Dissera tê-las conhecido. A Liberdade, antes de Japão, era resistência. Contou dos amigos que perdeu, mas que ainda estão por lá. “À noite, aproveitam a Lua para celebrar a alforria da vida na Capela dos Aflitos. Não sei se tomei a melhor decisão quando não quis morrer.”

Heitor queria saber a idade do senhor. Parecia antigo como São Paulo, como mundo... demoraria mesmo uma eternidade para viver tantas histórias.

A tarde ia-se entre contos e laços. O sol já estava tímido, a temperatura havia caído e Heitor se encolhia. Logo precisaria buscar Antônia, mas antes queria saber mais uma

história. Levantou-se e inflou o peito de coragem. Entre todas as curiosidades, perguntou:

“Por que o senhor tem oito olhos?”

E os oito olhos negros se arregalaram.

“Você vê?”

Como não veria?

“Me conta!”, Heitor bateu o pé no metal, tomado pela ansiedade. Os oito olhos o atraíam; os oito olhos o afastavam. Negros e profundos, como olhos de aranha.. “Por favor...”

O menino enxergava o senhor por inteiro. Um dia, Heitor pensou, seria como ele: espalharia histórias pelo mundo.

O velho finalizou a peça tecida e entregou a Heitor. Uma camisa. Heitor agradeceu com um sorriso tímido. Não esperava ser para ele. Adequou-se ao seu corpo e aquecia na medida certa. O homem o enxergava por inteiro.

“Minhas histórias são como tesouros, meu filho. E esta é a mais preciosa do meu baú.”

E fumegou o cachimbo.

Heitor mal se aguentava, mas aguardou. Aprendia a passos lentos que cada história tinha um tempo certo, e esse tempo deveria ser respeitado.

“E não vou te contar”, decretou, enfim. O menino abriu a boca, mas os oito olhos baquearam o protesto e a voz não saiu. “Mas... tem apenas uma história que não conheço em toda São Paulo. Se você me trazer ela, eu te dou todas que você quiser. O que acha?”

“Me conta!”, repetiu Heitor. Desta vez, deixou, sem pudor, a euforia desenhada no rosto, pintada no olhar.

O velho divertiu-se com a juventude e tossiu uma risada. Alguns transeuntes cruzavam a passarela, e o velho se virou para eles abruptamente e gritou: “Vocês não vêem?”. Eles se assustaram com a abordagem repentina, mas seguiram rindo e trocando murmúrios sobre a insanidade do

moribundo.

“Eles não vêem, meu filho”, murmurou, então, a Heitor. E tornou a baforar o cachimbo. “Não vêem São Paulo. Não querem ver. Veja você, então: São Paulo dá esperanças pra quem chega solitário, de outras terras. Dá sonhos pra quem só conhecia a miséria.”

Heitor sorriu confortável. Lembrou-se da senhora piauiense e do rapaz cabo-verdense que conhecera no mercadinho da Baixada. São Paulo era mágica.

“Mas São Paulo também é vaidosa”, os oito olhos que o encaravam ficaram ainda mais escuros e o sorriso do menino apagou. “Em troca, toma os contos de mundo pra si, e só pra si. Amaldiçoa quem desafia seus encantos, quem conta suas histórias. E ela me amaldiçoou. Tirou o que eu tinha de mais valioso, minhas jóias mais puras. Não enxergo mais... De que me servem estes oito olhos, então?”

Perguntou mais a si mesmo que para Heitor. Os olhos enegreceram ainda mais, perdendo qualquer brilho, parecendo apenas buracos vazios. O cachimbo se apagara. A alegria do menino desapareceu.

O que ele havia perdido?

Duas fadas.

Heitor ouviu a voz do homem ao vento. Então, teve certeza: os oito olhos viam sua alma; e falavam com ela.

“O quê?”

“Duas fadas. Dois espíritos encantados. Primeiro, São Paulo me presenteou com uma fada”, contou. “O ser mais encantado que já conheci! Um presente generoso da cidade, mas eu queria mais. Ela me ofereceu a segunda, meu filho. Não aceitei. Já não era o suficiente pra mim. Eu achava que não. Queria descobrir as outras magias de São Paulo! E consegui. Mas minhas fadas... eu já não as conheço mais, até que me conheçam primeiro.”

O nó na garganta se apertava a cada palavra. Tentava segurar as lágrimas, pesavam toneladas. Se caíssem, denunciariam a culpa que o senhor carregava. Não tinha direito a errar, mas havia errado. Não tinha direito a chorar, mas queria. Apontou em direção à saída mais próxima da estação da Sé. Com o passar do tempo, uma massa cada vez maior de pessoas subia as escadas e se espalhavam. Heitor se via naquele senhor, conhecia o vazio também e ambos preenchiam-se com histórias. Mas o menino não acumulava as rugas de culpa e arrependimento. E, se aquele homem era seu futuro, ele não queria as rugas. Apenas o espírito que o atraiu até as escadas da Catedral.

“Qual o seu nome?”

Os oito globos negros arregalaram. Há tempos o velho não dizia seu nome; há tempos não era importante.

“Aranha.”

Heitor divertiu-se com a conveniência. Uma esperta aranha, certamente.

“Vou trazer a fada, senhor Aranha!”, então correu, metralhando a passarela de metal com os passos rápidos.

Na Estação da Sé, os olhos que Heitor temiam não eram aracnídeos. Mais pareciam de leopardos que o espreitavam diariamente, esperando um vacilo para dar o bote. Notou-os na estação. Ao lado de uma das lojinhas de roupas e bolsas, do quiosque de salgados e dos guichês de passagem. Todos fixos no garoto, que sentou no chão frio e recostou-se em uma pilastra em frente às catracas.

Milhares de pessoas passavam por ele. Milhares de contos, nenhum de fadas. Mas lembrou-se da esperta aranha que podia encarar uma serpente gigante, sobreviver a um enxame de vespas venenosas, encontrar fadas nunca antes

vistas e até vencer um leopardo feroz para conseguir todas as histórias do mundo. Ninguém o ouvia. Teria ele oito olhos? Sentiu-se Aranha.

Um homem perguntou como pegava a linha Vermelha, outro queria embarcar na Azul e uma moça incluiu até a Coral, que partia da Luz. Lembrou-se da irmã Maia, que tinha de encarar a Sé e Luz naquele horário diariamente. Compadecia-se dela, embora ela estivesse feliz pelo primeiro emprego formal como assistente administrativa. Ela costumava cuidar de crianças ou carregar as compras da feira para os vizinhos por algumas moedas. Agora, como aprendiz, tinha um salário mínimo.

Alguém parou: um leopardo.

“Tá fazendo o quê aí, moleque?”, indagou o homem de farda. Segundo ele, Heitor incomodava os passageiros. Segundo Heitor, ele se incomodava sozinho. O menino disse que esperava alguém.

“Ah, é? Quem?”

Como a esperta aranha, embora fosse presa fácil, Heitor percebia o mundo ao seu redor. O resto da alcateia se aproximava. O mais faminto apoiava a mão no coldre. Os transeuntes estavam cabisbaixos, murmurantes, desconfiados. Ainda desviavam o olhar, mas se interessavam por aquela história; Heitor temia saber o final.

“Ninguém em especial, senhor”, respondeu. Sua mãe lhe ensinou desde cedo que leopardos não acreditavam em contos de fada.

Eles sempre pediriam suas histórias, mas nunca ouviriam.

“É mesmo?! Levanta e vem comigo, moleque!”, o leopardo rosnou e sacou as algemas da cinta.

“Mas eu preciso ficar...”

Em um instante, o fardado agigantou-se sobre o menino. Cravou as garras no braço magro de Heitor. Ele não

era como a mais esperta das aranhas. Não poderia encarar os leopardos ferozes. Talvez nem mesmo ela pudesse; não em bando. O menino reprimiu um berro, mas os olhos encheram-se. Lágrimas de dor e medo.

“Parem!”

Heitor parou. O policial parou. Os passageiros pararam. O tempo parou.

As mãos para cima, a respiração ofegante, os olhos arregalados, os lábios secos, as pernas pesadas, tremiam. Era Maia.

Ver seu irmão sendo devorado era um pesadelo recorrente; dessa vez, ela não estava acordando.

“Por favor... ele é meu irmão... ele...”, a voz vacilava; batalhava para falar em vez de vomitar. “Ele está me esperando.”

Os gatos escaldados não cederam à Maia, mas as dezenas de celulares filmando a cena eram como água fria. Soltaram Heitor e foram-se a passos silenciosos, enquanto os irmãos se abraçavam. Os murmúrios da estação voltaram; alguns passageiros se aliviaram, outros se afastaram, ainda marcando o menino com o olhar.

“Não fiz nada, Maia... eu juro”, choramingou Heitor, marcando a camisa da irmã com lágrimas.

“Eu sei.”, ela compreendeu. “Mas o que tá fazendo aqui? Não foi buscar Tônia?”

Heitor desviou dos olhos julgadores da irmã. Pela primeira vez, preferia guardar uma história. Porém, Maia não se contentaria. Contou, então, das histórias de São Paulo, das fadas, do senhor de oito olhos na Praça.

“Heitor...”, a voz da irmã quase desaparecia. “Onde está esse homem?”

O garoto agarrou a mão da irmã; gelada, trêmula. Maia parecia ter uma arma apontada para si. Ela insistiu para que se apressassem para encontrar Aranha. Heitor a guiou.

Pela estação, pelas escadas rolantes, escadas comuns, pela outra Praça da Sé que só se revelava ao anoitecer.

Os postes já a iluminavam parcamente. Menos câmeras fotográficas nas mãos, mais sacos pretos. Alguns vasculhavam os latões de lixo por uma sobra de marmitta ou uma lata de refrigerante. Outros rodeavam um homem que falava sobre a missão de Deus para cada um deles em frente à Catedral. Outras rodinhas se formavam, compartilhando um pão velho, uma dose de cachaça, uma bituca de cigarro, um sorriso. Um grupo de jovens de coletes distribuía sopas, meias e mantas.

A Lua intensificava a magia na noite paulistana, Heitor lembrou-se. Abrilhantava os sorrisos e celebrações das almas na Capela dos Aflitos e tornava visíveis as pessoas deitadas no chão da Sé. Heitor encantou-se.

E a irmã parou.

“Maia?”

A mão da irmã, ainda gelada, suave. Embora retinta, estava pálida. Os olhos presos ao velho sentado no meio da passagem.

Maia...

Duas vezes se cruzaram pelo ar. Uma era brisa suave, a outra era vendaval. A primeira carregava esperança. A outra determinava o fim.

“Finalmente posso te ver.”

Completo a primeira voz, velhaca, aracnídea, no meio da passarela. Maia correu para Aranha. Pela primeira vez, Heitor viu o velho se levantar. Ele abriu os braços, pronto para um abraço eterno. Não a abandonaria; não de novo.

“Maia!”

Repetiu a segunda voz. Era Abena. O suor escorria, arfava. Antônia, mais clara que o resto da família, estava corada. Abena intrometeu-se entre Maia e Aranha. A ponte que os ligava já não existia. Abena suplicou com os olhos.

A garota ainda mirava o homem. Lançou-o à dores do abandono. Ele respondia com as dores do remorso. Ambos sentiam as dores da saudade.

Maia escolheu a mãe.

Abena recebera um telefonema da creche à caminho do curso: Heitor não aparecera e Antônia chorava. Em casa, ele não havia pisado. Na praça, ninguém o tinha visto, exceto a vizinha. O filho estava sentado lá na Sé, com um velho preto. Certamente, metido com droga, disse a tagarela. Abena sabia que não. Sabia que era aquele homem.

“Fique longe deles, Ananse!”

Heitor nunca ouvira aquele tom de voz da mãe. Era de congelar os ossos.

Ananse ajoelhou-se, envolveu-se em seus próprios braços e chorou. Já Abena, enlaçou as filhas. Um abraço que protegia e desculpava-se. Mesmo exausta como nunca, seu escudo materno era tão vedado que sequer Ananse poderia transpassar.

Mas a mais esperta das aranhas, sim: Heitor. Passou o escudo-coração. Abena o chamou. Queria impedi-lo, protegê-lo, mas o menino, curioso que só, tinha direito a qualquer história. Passou pelas três mulheres de sua vida para chegar no homem que nunca esteve nela.

“Por que o senhor me deixou?”

“Meu filho...”, então calou-se. Aranha não sabia contar aquela história.

Lágrimas caíram por dezesseis olhos negros e profundos.

SÉRGIO MOTTA É UM ESCRITOR NEGRO MORANDO EM SÃO PAULO, CIDADE DE FANTASIA, CAOS, DIVERSÃO E DIVERSIDADES QUE ADOTOU COMO MUSA. ESTÁ SEMPRE FALANDO DE ARTE, NEGRITUDE (E A CONFLUÊNCIA DE AMBOS) NO TWITTER. PUBLICOU "CIBERBOCHICO" PELA MAFAGAFO, "ALINE NA AVENIDA DAS PAULISTAS" E ESCREVE NO BLOG RESISTÊNCIA AFROLITERÁRIA.

Ajé

H. PUEYO

Em uma manhã quente do ano de 1983, pai e filho caminhavam lado a lado em uma rua vazia. Os dois eram parecidos, com pele clara, cabelo cor de burro quando foge e o nariz fino, mas só o mais velho usava óculos e carregava um pesado arquivo debaixo do braço.

— Se tem uma coisa que seu pai pode ensinar — disse o Sr. Da Costa, desabotoando a gola da camisa social. — É isto. Trabalho e boa vontade. É o que importa na vida.

O filho, batizado com o infeliz nome de Eliseu da Costa Costa, era consideravelmente mais alto que o pai, e teve que se abaixar para responder:

— Eu só queria férias normais...

— Estou fazendo o que sua mãe gostaria que eu fizesse! — O homem estava ofegante e corado, tal era o calor de Cuiabá. — Ou seja. Trabalhar. Ajudar o próximo. É minha resolução de ano novo, sabia?

— Faz um ano que ela morreu...

— Chegamos!

O prédio em questão ficava acima do Armazinho da Gilda, uma loja discreta cuja placa havia sido pichada. Sacos de lixo cobriam a calçada diante de um Chevrolet Monza creme, o primeiro em uma longa fileira de carros estacionados.

— P. Espinhosa, número 530, segundo andar. — O Sr. Da Costa tocou na tinta amarela e descascada do prédio e fechou os olhos. A porta se abriu com um clique, mostrando o corredor escuro. — Hora de ver seu velho pai em ação!

— Achei que a gente não podia fazer isso.

— E não podemos! Destrancar uma porta sem mandado é contra a lei — afirmou o Sr. Da Costa, dando passos largos até chegar à escadaria. — Mas já que estou a serviço, tenho permissão. Vivendo e aprendendo, Eliseu, vivendo e aprendendo!

Eliseu estava perdido em seu devaneio sobre as férias ideais, que consistiam em ler gibi e não fazer nada, mas o pai tinha outros planos. Logo, logo, você vai ser um homem feito, tinha dito. Precisa ajudar a comunidade.

O Sr. Da Costa tocou a campainha assim que encontraram o apartamento.

— Sra. Espinhosa, por favor?

Quem atendeu não foi a Sra. Espinhosa, e sim uma adolescente minúscula que, como veriam a seguir, lembrava muito sua mãe.

— A gente não quer comprar porra nenhuma, tá bom?

— Ótimo, porque nós não somos vendedores! — sorriu o Sr. Da Costa. — Ajé, minha querida, ajé! Sua mãe está em casa?

Berenice, a menina que parecia pronta para jogá-los escadaria abaixo, congelou ao ouvir aquilo. Ajé vinha do iorubá, e não era uma palavra que muitos usavam, ao contrário de axé. Como substantivo, ajé significava energia, feitiçaria, poder; mas, para seus adeptos, sempre havia sido eu, nós, e uma forma de desejar o bem.

— A... Ajé — Berenice gaguejou. O cabelo preto e escorrido cobria seus ombros, mas mostrava o rosto largo debaixo da franja curta.

— Mais fácil do que achou que seria, não foi? — O Sr. Da Costa piscou para o filho e a seguiu até a sala.

O apartamento era um lugar deprimente, com um sofá xadrez de dois lugares, uma almofada bege e solitária jogada no chão, uma televisão da década anterior com enormes antenas e um carpete marrom que cobria o chão

inteiro.

A mulher do outro lado parecia um fantasma. Assim como a filha, a Sra. Espinhosa tinha cabelo preto e comprido, mas o dela estava salpicado de mechas grisalhas e parecia sem vida sobre a pele marrom e escura de seu rosto encovado. Era magra, esguia e baixa, e seus cotovelos pontudos apareciam sob as mangas três quartos.

— Piedade? É você? — O Sr. Da Costa bateu palmas. — Lembra de mim? Hilário da Costa, estudamos juntos no colegial!

— Infelizmente, ainda possuo memória. — A voz da Sra. Espinhosa era arrastada, e Eliseu precisou piscar várias vezes para ter certeza de que ela era real. — O que veio fazer aqui?

— Pois então, estou a trabalho! — Hilário ergueu o fichário que carregava no ar, mostrando o título: ASSOCIAÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS (ASP-AJE). — Ajé, minha amiga!

— Ajé? — Piedade virou os olhos. — Pra quem?

Um observador atento teria percebido o hematoma no canto de sua boca, prestes a sumir, do tipo que aparece após um tapa. Hilário da Costa, porém, não era conhecido por sua discrição, e Eliseu temeu pelo que o pai diria a seguir. Pior ainda foi ver Berenice atrás da cortina de contas coloridas que separava a cozinha da sala, espiando a conversa.

— Pai — Eliseu chamou, segurando-o pelo braço. — Acho que nós não somos bem-vindos aqui.

— É melhor irem embora antes do meu pai acordar — Berenice enfiou a cabeça pela cortina, sorrindo de orelha a orelha.

— Ela tem razão — concordou Piedade. — Vão embora.

— Infelizmente, não estou aqui para falar dos velhos tempos — suspirou Hilário. — Vim solicitar sua ajuda formalmente para resolver uma situação de nível 3. Como ajés...

— Não fala essa palavra aqui — Piedade sussurrou, checando o corredor atrás de si. — Se meu marido ouvir...

— Ele é crente? Se for, posso falar com ele.

— Ninguém pode falar com aquela desgraça. — A mulher deu um passo à frente para levá-los até a porta. — Agora chispa daqui. Vai, vai!

— Mas Piedade, é uma emergência regional, nós precisamos...

—Que porra é essa?

A voz embargada de Jeremias das Cruzes se fez ouvir no apartamento. Troncudo e corpulento, o pai de Berenice devia pesar quase o dobro de Eliseu, e sua regata branca estava manchada de cerveja. De cabelo marrom e pele bronzeada, a única coisa que tinha em comum com a filha eram os olhos estreitos e o formato dos lábios. Fora isso, não se pareciam em nada.

— E quem é esse merda?

Em outras situações, Hilário teria se sentido amedrontado. Apesar do outro homem mal alcançar seu queixo, seus braços eram maiores, e sua chegada tinha imposto um silêncio desagradável. Pensou no que sua esposa Cora diria se ainda estivesse viva: Olha pra sua amiga, toda machucada. Olha pra filha dela, se escondendo, assustada. Você não vai fazer nada?

Por isso, respirou fundo e sorriu:

— Senhor. — Hilário tocou no ombro de Jeremias. — Me faça o favor de não ficar tão perto, obrigado.

Jeremias congelou. Os olhos ficaram ocos e sem vida, e seu corpo pesado continuava com o punho no ar.

— O que aconteceu com ele, pai?

— Ele tá em transe, óbvio — Berenice respondeu, fazendo Eliseu se sentir estúpido. A garota andou até o pai e deu um tapa em seu rosto imóvel.

— Isso não é ilegal?

— Situações desagradáveis pedem por respostas apropriadas, filho — disse Hilário em tom professoral. — Agora, Piedade, podemos conversar a sós?

Os dois atravessaram a cortina de contas que formava a imagem de uma arara-azul, e deixaram os adolescentes sozinhos. Berenice sentou no sofá, encostando o rosto contra o quadril do pai.

— E aí, você sabe o que é uma situação de nível 3?

— Hã, bom, meu pai não explicou muito. — Eliseu encarou o teto. — Parece que a sua mãe sabe fazer algo que pouca gente sabe fazer.

Berenice ergueu uma sobrancelha.

— Transferência.

— Oi?

— Quando tem uma concentração anormal de ajé em um único lugar, alguém precisa transferir a energia dali e levar pra onde não tem — Berenice continuou. — Ou a coisa vira uma bomba-relógio. Gente comum pode até morrer se chegar perto.

O barulho das miçangas da cortina batendo umas nas outras interrompeu a conversa. Hilário e Piedade estavam de volta e ambos olhavam para Berenice.

— Você vai? — A garota ficou de pé em um pulo e segurou a mãe pelos pulsos. — Deixa eu ir junto, por favor, por favor!

— Para de espernear, Berenice — Piedade grunhiu, mas a voz não saiu tão dura quanto as palavras. — Eu acabei de recomendar você pro trabalho, sua tonta.

Quando jovem, Piedade Espinhosa das Cruzes tinha uma lojinha esotérica, além de trabalhar uma vez por semana para a Associação de Servidores Públicos oferecendo serviços de transferência. Aos vinte anos, ficou grávida de Berenice e seus dias como ajé viraram parte de um passado do qual preferia não lembrar. Mesmo agora, sentada na rodoviária de Cuiabá, aquela vida parecia um sonho distante, cujo acesso ela não merecia mais.

— O plano é o seguinte. — Hilário voltou com as chaves de um carro alugado e quatro sacolas de lanche. — Segundo nossos rastreadores, o foco de energia fica no Morro da Caipora, bem no meio do cerrado.

— Nunca ouvi falar — murmurou Eliseu.

— Isso é uma péssima ideia...

— Vamos lá, Piedade, só precisamos fazer isso e já voltamos! Seu marido nem vai notar que o tempo passou.

Berenice alisou a minissaia xadrez e puxou Eliseu pela gola da camiseta, forçando-o a se levantar.

— A gente vai indo pro estacionamento — disse, sem deixar espaço para ele discordar. Eliseu correu para alcançá-la, sentindo o ar frio que a cercava refrescar seu corpo, como se tivesse dado de cara com um ar-condicionado. — Qual é seu nome mesmo?

— Eliseu.

— Bom, Eliseu — repetiu Berenice, com a cara de quem tinha comido algo desagradável. — Eu tô de saco cheio da minha mãe reclamando e do maluco do seu pai sendo otimista a respeito de absolutamente tudo, então somos só nós dois agora.

— Você também reclama bastante — resmungou, apesar de concordar. — Mas gostei do truque do ar gelado. Me ensina?

Berenice sorriu de lado.

— Não.

O carro alugado era um Fusca bege, e Eliseu ficou aliviado ao notar que os bancos de couro foram refrigerados pela energia de Berenice. O frio não alcançava os adultos, e o pai teve que abrir a janela, suando e bufando como um boi irrequieto.

— Vou ligar o rádio — disse, olhando no retrovisor. — Um pouco de música faz bem pra alma!

— Você é tão barulhento, Hilário — Piedade comentou, o cabelo preso mostrando o pescoço comprido. — Tinha esquecido disso.

Com o barulho do carro misturado ao vento, trânsito e uma versão levemente distorcida de “Você Não Soube Me Amar”, ficava mais fácil para Berenice e Eliseu conversarem sem serem ouvidos.

— Você também sabe fazer a transferência? — Eliseu virou-se, tentando achar uma posição em que os joelhos ossudos não fossem comprimidos pelo banco da frente.

— Tá surpreso por quê? — Berenice apontou para o nariz comprido dele com um chip de banana frita. — A culpa não é minha se você é incompetente e não sabe fazer.

— Eu também tenho meus truques — replicou Eliseu. Para seu infortúnio, Berenice só sorriu, achando graça daquela tentativa vã de defender a própria honra. — Pra sua informação, estou me especializando em buracos do tatu.

Eliseu não tinha como saber, é claro, mas havia falado a coisa certa. Berenice esticou-se na direção dele, seus olhos atentos observando-o, o nariz achatado a centímetros do seu, como se procurasse sinais de uma mentira. A técnica do buraco do tatu era uma tradição ajé brasileira imprescindível para a vida moderna; era um trabalho enfadonho e muito bem pago, que consistia em criar túneis que levavam de um lugar ao outro. Um buraco do tatu de Cuiabá para São Paulo, por exemplo, durava apenas um minuto, então todo ajé respeitava os criadores de tais feitos.

— Seu buraco do tatu não deve ser grande coisa se nós temos que ir até o não-sei-o-quê da Caipora de carro — Berenice anunciou depois de alguns instantes e voltou ao seu lugar.

— Eu ainda estou aprendendo. — Eliseu enfiou a mão no pacote de chips, sentindo um forte cheiro de sal.

— É claro que você ia ter uma profissão de riquinho dessas. — Berenice puxou o pacote da mão dele. — Tá na cara, e nesse seu sotaque sonso de paulista.

— Eu não sou rico. — Eliseu pegou o pacote mais uma vez, sem precisar tocá-lo. Quando fez isso, Berenice ergueu a mão, fazendo o salgadinho flutuar até ela. — Eu sou classe média.

— É tão coisa de rico achar que é classe média só porque não é milionário.

Quando os dois tentaram puxar o pacote de novo, a embalagem virou ao avesso no ar, e o conteúdo caiu no chão do carro.

— A culpa foi sua!

— Agora ele mostra as garras! — Berenice deu uma risadinha, movendo os dedos no ar como se tocasse o piano. Os chips de banana voltaram para o pacote. — O que mais tem pra comer?

Quando caiu a noite, Hilário da Costa decidiu parar em uma cidadezinha e procurar um hotel. Ele nunca esquecera o que sua querida Cora gostava de dizer quando viajavam: Dirigir de noite é pedir por acidente! É isso que você quer, Hilário? Se hoje era um servidor público digno, era porque Cora tinha ensinado tudo que sabia quando começou a trabalhar na Associação. Ela era um pouco mais velha que ele, e uma funcionária apaixonada. “Os outros em

primeiro lugar”, dizia sempre, e ele tentava seguir seu exemplo.

— Pai. — Eliseu cutucou-o no ombro. — A gente pode ir na lanchonete enquanto vocês pagam?

— Claro, filho — Hilário respondeu, distraído. Era difícil imaginar Cora como parte do passado: quando pensava nela, nos cachos grisalhos, no sorriso rechonchudo e nas tardes jogando canastra, pensava em aqui e agora. Tirou alguns cruzeiros do bolso e colocou na mão de Eliseu. — Mas toma cuidado, viu? A Berenice é uma mocinha, fica de olho nela.

Hilário viu o filho sair acompanhado da garota que falava e gesticulava enquanto ele sacudia a cabeça. Isso trazia memórias da escola... Ainda lembrava como era pegar três buracos do tatu para aprender a controlar seu ajé em uma cabana construída ao lado de uma ribanceira, e depois voltar para Pindamonhangaba para atender o colégio normal no período da tarde.

— Quer jantar? — perguntou para Piedade. — As crianças foram comer um xis, mas nós podemos pedir uma pizza.

— Muçarela.

— Certo, muçarela — Hilário sorriu, coçando a parte calva de sua cabeça.

Quando a pizza chegou, os dois foram para um dos dois quartos que Hilário tinha reservado, e sentaram no chão para comer.

— Achei que nunca mais veria alguém da escola — Hilário abriu duas garrafinhas de Grapette e passou uma para ela. — Quer dizer, alguém além do Pedrinho, que continua meu amigo até hoje. Ele teve três filhos, sabia?

— Hum.

— E aquela loja esotérica, heim? A esposa do Pedrinho faz um trabalho muito impressionante em terreiros com a

capacidade curativa dela. Acho incrível se doar aos outros assim. Não tem muitos lugares que nós possamos passar despercebidos, mas a gente faz o que dá, né? Dá pra botar seu ajé nas velas da loja, essas coisas, e já ajuda um bocado.

— A loja não existe mais.

— Quê?

— Tive que vender depois da Berenice nascer.

— Ah, isso é uma pena! Você é uma ajé excelente, Piedade, você...

— Era.

— Quê?

— Era uma ajé. Não sou mais.

Hilário abriu a boca, mas a voz não saiu. Ainda em Cuiabá, na cozinha do apartamento da família Espinhosa das Cruzes, Piedade tinha dito que não praticava mais, mas não teve tempo de perguntar o motivo. E nem precisava — a resposta estava em Cora, cujo trabalho como assistente social já atendera vários casos de ajés que, por estresse e por trauma, tinham perdido a capacidade de usar seus poderes.

Crianças abusadas, acidentes trágicos, idosos abandonados, mulheres que apanhavam... Eram inúmeros os motivos que levavam aquilo a acontecer, e ninguém sabia exatamente o que fazia duas pessoas que tinham passado pelas mesmas coisas terem experiências diferentes. Alguns perdiam o ajé para sempre e outros escapavam ilesos, ao menos no quesito energético.

— Piedade, estou preocupado com você.

Piedade ergueu os olhos. O tempo tinha passado para os dois, mas ainda conseguia ver o rosto juvenil ali, o mesmo que achara tão bonito aos quinze anos. Uma paixão boba, é claro, já que Piedade nunca dera bola para ele.

— Preocupado com o quê, Hilário? Vai cuidar da sua vida.

— Eu não nasci ontem — argumentou. — Esse seu marido, esse Jeremias... Nós podemos ajudar você. A Associação tem meios para ajudar ajés em apuros, você sabe disso.

— Eu não estou em apuros. — Piedade cobriu a bochecha com a mão, como se quisesse esconder a marca que já desaparecia. — O Jeremias é um imprestável, mas é o homem que eu escolhi.

Hilário quase conseguia ouvir “não você nem mais ninguém” em seu tom de voz, mas decidiu não responder. Fazia tempo, afinal, e tinha sido muito feliz casado com outra mulher.

— Tudo bem, você escolheu, mas e a Berenice? Eu não sei muito dela, mas dá pra ver que a menina é puro talento! — Hilário limpou as mãos engorduradas com o guardanapo vagabundo que tinham enviado com o pedido. — Você quer que ela acabe sem ajé?

— Isso não vai acontecer com ela. Logo ela vira dona da própria vida, vai-se embora e não volta mais. A Berenice é esperta.

— E se ela não for? — Hilário insistiu. — E se ela ficar pra cuidar de você?

— Hilário. — Piedade deu um peteleco em sua testa, como quando eram crianças. — Cuida da sua vida que eu cuido da minha.

Eram oito da manhã, e o sol estava a pico. Eliseu da Costa Costa esticou os braços finos e sentou-se em uma pedra atrás do posto de gasolina onde tinham parado. O pai e Dona Piedade estavam conversando na lanchonete, mas Berenice quis explorar as redondezas.

— Não sai de perto de mim — implorou Eliseu, suor escorrendo pela testa. A camiseta de manga curta prendia ao corpo assim que a menina se afastava, deixando o bafo substituir o ar gelado.

— Implora.

— Por favor, Berenice.

Berenice sentou ao seu lado. Não havia nenhum sinal de que ela estivesse sofrendo como os outros mortais: a franja estava limpa, o cabelo preto brilhava sob a luz natural, a pele marrom continuava seca. Eliseu suspirou, refrescado, e encostou a bochecha no ombro arredondado dela.

— Você tá suando feito um porco.

— Tô.

Eliseu considerou o fato de ela não empurrá-lo para longe uma vitória. Na verdade, Berenice colocou uma das mãos no topo de sua cabeça e começou a esfriá-lo.

— Você é muito cara de pau.

— Se eu disser que gosto de meninas difíceis, você me mata?

— Mato.

— Então eu não gosto de meninas difíceis.

Berenice deu um sopapo na nuca dele, mas Eliseu só riu.

— Se eu matar você, nunca vou aprender a fazer um buraco do tatu.

— Eu ensino. — Eliseu ficou de joelhos na frente dela, sujando a calça jeans desbotada de terra. — Mas aí você vai me ensinar o treco do ar-condicionado.

— Sei não...

— Por favor, Berenice. — Ele a segurou pelas mãos. — Cada vez que a gente para pra ir no banheiro, eu sinto que vou derreter.

— Nem tá tão quente assim, seu fresco.

— Por favor, Berenice!

— Vou pensar no seu caso.

O Morro da Caipora não era um lugar de fácil acesso. Deixaram o Fusca de lado e seguiram a trilha pelo cerrado, atravessando a mata baixa e seca, sem resguardo algum do sol. Piedade e Hilário andavam devagar em direção ao morro, mas Eliseu e Berenice já estavam bem à frente.

— Eliseu! Tem um riacho ali na frente, vamo'?

— Não sei se é uma boa ideia...

— Achei que você tava morrendo de calor. Covarde.

— Só quando você sai de perto — Eliseu deu de ombros, ofegante. — Mas eu achei um pé de manga coquinho.

Berenice pulou da árvore que tinha escalado, correndo para pegar a fruta. Eliseu riu, os braços cheios de mangas pequenas e arredondadas pedindo para serem comidas.

— Aquelas lesmas vão demorar séculos pra chegar — disse Berenice, mordendo um pedaço da fruta. — Vamo' lá, é aqui do lado.

— Mas eu não trouxe uma sunga...

— Então você pode ficar olhando. — Berenice ofereceu um sorriso maldoso e saiu correndo em direção ao riacho.

A piscina natural era baixa e refletia o azul do céu, as nuvens e as sombras dos troncos retorcidos que a cercavam. Eliseu precisava admitir que era convidativa, especialmente quando Berenice ficava fugindo dele, como se quisesse que sofresse naquele calor desgraçado.

— Vou entrar. — Berenice tirou a camiseta branca, jogando-a em uma pedra. O sutiã não era tão diferente de um biquíni, mas Eliseu virou de lado, tentando não olhar.

— Você vai tirar a roupa?!

— Você é tão criança, Eliseu. — Berenice desabotoou a saia xadrez e a deixou dobrada sobre a grama. — É só um corpo, besta. Você não vai morrer.

— É só um corpo — Eliseu recitou, fazendo Berenice gargalhar. Ele deixou as mangas perto da roupa dela e tirou as botinas, as meias encardidas, a calça jeans e a camiseta, ficando só de cueca. — É só um corpo!

— Finalmente! — Berenice o puxou, e os dois entraram na água fria.

Como a piscina não era muito funda, dava para ela sentar com tranquilidade no chão rochoso, afundando o pescoço até o cabelo flutuar em volta dela. Eliseu fez o mesmo, mas esticou as pernas, tentando boiar.

— Até que o verão não tá tão ruim assim. — Conseguia sentir a pele ficando rosada na ponta do nariz, mas a sensação era quase agradável. — O que você vai fazer quando voltar?

— Provavelmente ficar em casa o dia inteiro. — Berenice mergulhou a cabeça inteira na água. Gotas grossas escorreram pela franja e os cílios compridos, e Eliseu sorriu ao vê-la. — E você?

— Acho que meu pai vai me obrigar a continuar indo trabalhar com ele.

— Queria poder fazer isso.

— A gente pode pedir pra ele — disse Eliseu. — Não quero perder meu ar-condicionado ambulante.

Berenice olhou para Eliseu, querendo acreditar que poderia aproveitar o resto do verão e ter tudo o que sempre sonhou: um trabalho ajé bem longe de casa, fazendo o que bem entendesse. Mas, ao mesmo tempo, não queria deixar a mãe sozinha em um lugar onde não poderia defendê-la...

Sacudindo a cabeça, ficou de joelhos na água e se inclinou sobre Eliseu, beijando-o na boca.

— Eu posso te ensinar mais coisas que só o ar-condicionado. — Berenice sorriu do mesmo jeito malvado que o assustava um pouco, pousando uma das mãos na barriga dele embaixo da água. — Mas só se você implorar.

— Por favor, Berenice.

No topo do Morro da Caipora, Berenice Espinhosa andou a passos firmes em direção ao eixo do poder, sentindo o ajé fluir ao redor dela. A energia era tanta que fazia a terra vermelha tremer, consumindo as sempre-vivas chuveirinho no meio da mata, reluzindo ao redor de um cajuzinho-docerrado, piando com os sabiás-laranjeira, preenchendo os enormes formigueiros.

Respirou fundo com aquele ajé dentro de si, permitindo que ela, e apenas ela, visualizasse sua fonte, escondida entre os cactos e as pedras. Uma imagem manchada de São Jorge de sabe-se lá quanto tempo atrás. Berenice abriu a garrafa de água vazia que carregava consigo e a deixou de pé ao lado da estatueta envelhecida.

— Você vem comigo — sussurrou, os dedos fazendo desenhos no ar para guiar a energia. O ajé concentrado, prestes a explodir e tomar tudo à sua volta, a obedeceu e entrou na garrafa: sem cheiro, sem cor, sem gosto, visível apenas para ela.

Quando acabou, a imagem era só uma imagem, e o morro continuava intocado.

— Seu Hilário, será que...? — Berenice sentiu aquele poder tão vivo vibrando sob as palmas claras de suas mãos. — Eu queria transferir isto pra minha mãe.

Piedade encarou o chão. Nunca, em todos esses anos, tinha revelado o que sentia com quem quer que fosse, nem mesmo com sua única filha. Sentia-se dividida entre a profunda rejeição que tinha para com o próprio ajé, e a saudade de ter sua loja, sua liberdade, sua vida. Parte dela queria acreditar que Jeremias era capaz de mudar e ser um

marido melhor, e a outra era consumida pela culpa de manter Berenice presa a um lar que só a machucava.

Letargia consumia seu corpo como uma doença, mas agora, pela primeira vez em muitos anos, quis dizer sim. O indicador moveu em um espasmo leve. Depois o polegar, pronto para agarrar a garrafa. Mas a mão e o braço continuaram no mesmo lugar, moles, um de cada lado.

— Pode ficar com isso, sua tonta. — Piedade fez careta. — Eles vão precisar de você pra transferir toda essa bobageira pra outro lugar.

— Mãe...

— Já disse que não quero essa porcaria! Só causa estresse. Hilário. — Piedade virou para o antigo amigo, evitando olhar para a filha. — Eu deixo ela ir junto, mas você vai ter que me prometer que ela vai ser sua estagiária.

— Com certeza — Hilário abriu um sorriso fraco. — Ela tem muito futuro pela frente.

— Ótimo. — Piedade espalmou a própria roupa, tirando o pó vermelho que levantava do chão. — Agora eu quero voltar pra casa.

A volta para Cuiabá pareceu mais rápida do que a ida. Hilário e Piedade passaram o tempo todo em silêncio, sem sequer mencionar o campeonato de futebol de botão do qual participaram em 1960 e Hilário dera tantos detalhes nos últimos dias. No banco de trás, Berenice e Eliseu falavam baixo, lutando para ver quem ficaria com o último Lollo da caixa de bombom. Quando chegaram no prédio, Piedade foi a primeira a sair do carro.

— Foi bom rever você, Piedade — disse Hilário, e Piedade respondeu com um aceno de cabeça. — Berenice, tudo certo pra próxima quarta?

— Tudo. — Berenice correu atrás da mãe, mostrando a língua para Eliseu.

Piedade puxou a filha pela mão, sem olhar para trás uma única vez.

Dentro do Fusca bege, Hilário da Costa afundou a cabeça entre as mãos, encostando a testa ao volante, e chorou como não chorava há muitos anos. Lágrimas correram pelas bochechas e o peito contraiu, deixando escapar os soluços que há muito deixara dentro de si.

Não chorara no funeral de Cora. Não chorara vendo o rosto amarelado no caixão aberto. Não chorara durante a doença, acreditando todos os dias que a dor que compartilhavam chegaria ao fim. Hilário soluçou de novo, incapaz de explicar ao filho o que ocorria.

— Ajé, pai — disse Eliseu, esticando-se para abraçá-lo. — Ajé.

H. PUEYO (@HACHEPUEYO NO TWITTER) É UMA AUTORA ARGENTINO-BRASILEIRA COM FOCO EM FICÇÃO ESPECULATIVA E ROTEIROS PARA QUADRINHOS, ALÉM DE TRADUZIR NAS HORAS VAGAS. NÃO É MUITO DE FALAR, MAS SEUS CONTOS JÁ APARECERAM NA TRASGO, MAFAGAFO E NA ANTOLOGIA MITOGRAFIAS, E PODEM SER LIDOS EM INGLÊS EM DIFERENTES REVISTAS ESTRANGEIRAS.

Esperança nas alturas

KALI DE LOS SANTOS

TRADUÇÃO DE JANA BIANCHI

Quando aquele verão chegou ao fim, os brasileiros eram pura alegria. Carros voadores enfim haviam chegado — e, como ninguém tinha dinheiro pra comprar, todos os alugavam alegremente, escolhendo cores e marcas preferidas. Os carros voadores se dirigiam sozinhos; pedestres, agora, tinham as ruas apenas para si. O futuro havia chegado.

No fim do verão seguinte, o povo quase explodia de felicidade porque alugar carros voadores dava cupons e descontos. Supermercados e lojas de departamento haviam sido integrados ao sistema de aluguel de carros voadores. As pessoas sentiam que estavam ganhando dinheiro no caminho pro trabalho e pros compromissos. O que mais poderiam querer?

Um terceiro verão acabou. Algumas pessoas começaram a se frustrar. Claro, sempre tem aqueles que não ficam felizes com o status quo. Reclamavam que os carros voadores estavam criando um abismo social ainda maior entre as pessoas pobres e as que podiam alugar um veículo. Mas quem não podia, se os planantes não viam mais ninguém andando por aí? Pedestres reclamavam do mato crescendo nas ruas lá embaixo; por que não alugavam carros também, aqueles ripongas?

O quarto verão foi marcado pelo vandalismo. Carros voadores por todo o país tiveram palavras de ordem arranhadas nas latarias. Alguns chegaram a ser incendiados

— e isso a elite não era capaz de suportar. “Propriedade privada (e Brasil) acima de tudo”, gritavam à noite, das janelas de seus arranha-céus. A polícia era incapaz de conter todos os vândalos, então as empresas substituíram os milicos pelos drones. Espalharam-se rumores de que, a seguir, as empresas planejavam dar um jeito no sistema de saúde — o que trouxe um alívio imenso à elite, que não conseguia mais suportar a ideia daqueles hospitais sem sal nem açúcar, com cara-de-hospital. Pra eles, qualquer coisa sem propagandas espalhadas por todo lado era um pé no saco.

O quinto verão chegou e, com ele, revelações também: as empresas tinham comprado não só os hospitais, mas também todas as escolas do país. Bibliotecas foram remodeladas e reconstruídas com livros adequados, focados em negócios, e o currículo escolar oferecido agora incluía uma variedade maior de opções aos alunos — que podiam virar empregados ou chefes, de acordo com o valor que os pais pudessem investir no sistema de aluguel de carros voadores. As escolas novas alcançaram até mesmo as populações indígenas na Amazônia — talvez o agronegócio enfim pudesse transformar aquela floresta inútil em terra produtiva.

Todos ganhavam cupons para tudo, e aqueles que não ganhavam nada logo começaram a morrer de fome ou de frio nas ruas, que haviam se transformado em florestas novas em folha formadas por moitas e mato alto. Vândalos e terroristas foram presos e forçados a dedurar os cúmplices.

No décimo verão, aniversário da então chamada Revolução do Carro Voador, os terroristas botaram as asas de fora. Hackers atacaram as redes que controlavam os cupons e os sistemas de aluguel de carro. Enquanto a polícia tentava rastreá-los e os programadores das empresas tentavam dar um jeito nas redes, os atacantes ousaram desferir o golpe de misericórdia: servidores em todo o território nacional foram

incinerados. Vários insurgentes não conseguiram sair dos data centers, ficando pra trás pra garantir que o fogo causaria tanto dano quanto possível. Drones mataram vários dos protestantes; aqueles pegos pela polícia tomaram veneno antes de serem forçados a abrir o bico. A polícia mascarou as estatísticas, constrangidos com a escala do ataque: mais de vinte mil pessoas haviam se rebelado naquela noite. Mais de quinze mil não voltaram para casa. Desde então, não há mais Jornal Nacional, redes de comunicação ou internet. Adeus carros voadores e descontos. Tudo virou caos.

Quando a elite demandou respostas de seus diretores e CEOs, ouviram que deveriam deixar de ser disruptivos — as pessoas mais afetadas pelos ataques haviam sido as mais ricas de todas. Pobres, pobres pessoas mais ricas de todas.

Agora que as pessoas e a elite voltaram a ter que andar pelas florestas urbanas, todos juntos, talvez entendam. Talvez lutem pra assumir o governo, pra dar poder às pessoas e não às empresas. Não dá pra dizer que isso já tenha funcionado perfeitamente antes, mas agora a gente tem uma chance de fazer as coisas do jeito certo. Mesmo que seja uma chance ínfima, quero acreditar que eles vão se juntar a nós na revolução de verdade — com os dois pés bem plantados no chão.

KALI DE LOS SANTOS É ESCRITORA DE HORROR, FANTASIA E FICÇÃO CIENTÍFICA, ALÉM DE ESTUDANTE DE Mestrado em Escrita Criativa, onde estuda a identidade brasileira na ficção especulativa. Ela pode ser contatada pelo Twitter @KALIDELOSSANTOS ou pela página SHROUDCONTOS.WORDPRESS.COM.

Cor de mula

WOODY DISMUKES

TRADUÇÃO DE ANNA MARTINO

*Passou de branco, preto é. Não existe este negócio de mulato.
Mulato pra mim é cor de mula.
— Tim Maia*

Dizem que nasci na cinza das horas
o momento
em que o sol corta os pulsos
no céu quase fusco

e teve quem chorasse abertamente
ao ver cor recém-parida. Mas seria o espectro
parido? Ou é partido pelas teimosas
e desobedientes fileiras de prismas

que se recusam e se unem ao festim
da antropofagia.

Engolindo o que fosse de engolir
Ou ao menos o que viesse em seguida

pendendo sob seus narizes. Conheço
bem esse jogo. Depois cruzei
muitas léguas com uma mão
enorme prometendo

firmemente a sapiência do corcel
e a força da mula, mas posto do avesso,
meu amo não nota a diferença. De fato,
pondero
a validade da cor, o destino de um
Negro

Orfeu. Que canção existe para
meu retorno? Que mapa é feito pel'O Cavallo Morto?
Olho para as estrelas no aguardo
de respostas, mas tudo que vejo é a ausência de cor

WOODY DISMUKES É AMERICANO-BRASILEIRO, POETA, AUTOR E MÚSICO. MORA EM NOVA YORK, É GRADUADO PELA CLARION WEST (2018) E FOI PROFESSOR NA UNIVERSITY SETTLEMENT'S CREATIVE CENTER. JÁ FOI PUBLICADO PELA LIGHTSPEED, APEX, STRANGE HORIZONS, ENTRE OUTRAS.

Um diálogo entre as cabeças embalsamadas de Lampião e Maria Bonita expostas ao público no Instituto Médico Legal Baiano, primeira metade do século XX

WOODY DISMUKES

TRADUÇÃO DE ANNA MARTINO

Talvez o que mais me dê saudade,
meu amor, é o jeito que cintilam teus olhos
na luz de mira do meu Winchester. Estas bolas de gude
em teu crânio são uma desculpa fraca para a precisão fatal
de tua íris à beira do cano. Tua beleza uma bala
que nem lampião poderia impedir, embora pudesse passar
o resto deste sono perpétuo galopando atrás dela
só para ver um fiapo da escuridão
em tuas pupilas

Mas o que há para se ver?
Pois nem na morte te deixei.
Você soa como um macaco
cortejando chamuscas que dançam xaxado
e você, mais que todos, deveria saber
o custo da palma queimada
de punho vazio.

Conheço apenas um preço e o preço é tu, bela.
Estar a teu lado neste lugar é um pouco mais que uma piada funesta
sendo que o sertão foi a aliança que te dei de casamento
e a caatinga o teu dote. Que tipo de amor
poderia ser comprado aqui com nossos lábios vazios
e nossos pescoços cosidos como um alforje?

Não tivessem cortado esta língua
eu cantaria as modas de nossa memória.
Deixar que ouça os doces sons da glória
em serenata aos fantasmas de nossos adversários
como um assobio agudo de Lugar

Diga-me, que glória tem um homem sem cabeça?
Cujo corpo mofa e tudo acima da goela persiste
para entreter os passantes? Tu não vê
como eles se riem com um braço estendido e
sorriso banguela?
Como nos chamam de criminosos? Não existe rememoração
de nossos atos. Só o excesso inchado
de nossos rostos deformados.

É verdade que estes corpos
são efêmeros, mas não há poder em um homem
que resiste muito além de seu último suspiro?
Nossos nomes ecoam nas escarpas da Serra do Araripe
até as ilhas de todos os santos. De que vale a lealdade em vida
se não podemos capturar corações na morte?

Corações só valem tanto quanto
O tostão do coronel ou o que o chumbo consegue comprar.
Não foi o que meu pai aprendeu quando a dívida foi cobrada?
Não foi como nos vimos cangaceiros, um bando de devedores
se recusando a pagar segundo as regras que nos escravizam?
E veja, mesmo agora parecemos pagar diariamente
com a repetição desta performance grotesca.

Quer homenagem maior a um cangaceiro que esta?
Crucificar-se nas mãos de Judas
para que a lenda de sua insubordinação soe sincera.
Se não consegue descansar em paz,
será que sabe mesmo
pelo que você morreu?

WOODY DISMUKES É AMERICANO-BRASILEIRO, POETA, AUTOR E MÚSICO. MORA EM NOVA YORK, É GRADUADO PELA CLARION WEST (2018) E FOI PROFESSOR NA UNIVERSITY SETTLEMENT'S CREATIVE CENTER. JÁ FOI PUBLICADO PELA LIGHTSPEED, APEX, STRANGE HORIZONS, ENTRE OUTRAS.

movimento

JARID ARRAES

o céu
já não sabe seus motivos

pouco importa a transição
quantos graus nas digitais
quem oferta quem procura
pouco importa a previsão

o futuro imediato
é ríspido:

os cavaleiros já não podem
ser contados

ontem
olhei para o céu
com perguntas primitivas
a fumaça preta infestou
meus ossos
e me esforço para saber
insistindo em utopias

até quando duram
os ligamentos se
nessa cidade
ninguém foge

todos esperam pelo tempo

ele vem fardado em decretos
bustos e estátuas e também vem
quando tudo está claro
pois vivemos sob ordem
de despejo

visões caem
como ameaçadas
e o céu
já não sabe seus motivos

mas eu
eu cheguei na fronteira
de todas as palavras:
onde tudo se conjuga só
todas as definições
se espalham

ontem
juntei as letras
com rebeliões consteladas

costurei no punho
uma tempestade negra

e o céu olhou de volta
respondendo

assim
quem sabe

NASCIDA EM JUAZEIRO DO NORTE, NA REGIÃO DO CARIRI (CE), JARID ARRAES É ESCRITORA, CORDELISTA, POETA E AUTORA DO PREMIADO "REDEMOINHO EM DIA QUENTE", VENCEDOR DO APCA DE LITERATURA NA CATEGORIA CONTOS, E DOS LIVROS "UM BURACO COM MEU NOME", "AS LENDAS DE DANDARA" E "HERÓINAS NEGRAS BRASILEIRAS EM 15 CORDÉIS". ATUALMENTE VIVE EM SÃO PAULO (SP), ONDE CRIOU O CLUBE DA ESCRITA PARA MULHERES E TEM MAIS DE 70 TÍTULOS PUBLICADOS EM LITERATURA DE CORDEL.

Entrevista com a Artista: Juliana Pinho

POR DANTE LUIZ

TRADUÇÃO DE JANA BIANCHI

Juliana Pinho, que chegava a fugir de casa para ir a museus, sempre foi apaixonada por arte em todas as suas formas desde que se conhece por gente. Trabalha atualmente como professora de inglês e tradutora na região nordeste do Brasil, e ilustrou histórias e artigos para publicações como o *Aiglos Almanac* e a *Dates Anthology*. Veja o portfólio dela em [behance.net/julianapinho](https://www.behance.net/julianapinho).

Juliana foi responsável pela ilustração para a história “Reposição”, de Isa Prospero, publicada originalmente na revista *Strange Horizons* e republicada na *Trasgo*.

Você é ilustradora, professora e historiadora. Qual é a sua relação com essas áreas? Você acha que existe alguma conexão entre a paixão que sente por cada uma delas?

Com certeza! Essas três profissões são essencialmente sobre a experiência humana como sociedade, pela comunicação, e isso é uma coisa pela qual sou muito apaixonada. Cada uma dessas áreas olha para esse assunto através da própria ótica, e sob uma grande variedade de perspectivas. Acho que isso significa que minha experiência em uma área interage diretamente com as experiências nas outras. Sinceramente, não poderia dizer qual delas me influencia mais.

Eu amo o tom intimista do seu trabalho. Muitas das suas ilustrações envolvem o toque, além dos sentimentos entre dois ou mais indivíduos; sua arte é muito sensorial e expressiva. O que você mais gosta de desenhar?

Exatamente isso! Sou fascinada por como a gente se comunica sem palavras, e fico feliz de transmitir essa mensagem. É um assunto sobre o qual amo ler, por exemplo, quando estou lendo ficção. Amo autoras que conseguem transmitir emoções complexas sem falar isso com todas as palavras (algumas delas nem podem ser colocadas em palavras, inclusive), e tento imitar isso no meu trabalho sempre que posso. Eu também sou uma pessoa que adora tocar nas outras, então provavelmente essa é outra razão pela qual esse tipo de coisa me vem à mente quando falamos de interações humanas.

Vamos falar de cenários. Tem um monte de elementos da natureza presentes no seu trabalho: água, flores, árvores... Você poderia falar um pouco sobre isso?

Devo dizer que é só pelo puro valor estético! Eu simplesmente amo a natureza. Gosto de ficar observando as árvores desde que era criança, não tem nada igual. Me sinto totalmente absorvida pela grandiosidade e pelo movimento delas. Elas não tentam se comunicar com a gente, é uma existência totalmente estrangeira com a qual a gente coexiste. Às vezes, quando coloco elementos como esse nos meus trabalhos, não sei realmente o que estou tentando dizer. É algo para ser contemplado depois que a obra está pronta, e sinto que abrir mão desse tipo de controle é um dos aspectos mais prazerosos e essenciais da arte.

Você pode falar um pouco sobre as referências regionais no seu trabalho? Você se sente inspirada pela história, arte e cultura do Nordeste do Brasil em geral?

Eu me sinto bastante inspirada, mas talvez não do jeito mais óbvio. Vivi em Recife a vida inteira, e acho que aqui é um lugar muito interessante para ser criada. Especificamente, a arte visual daqui sempre teve uma quedinha pelo ornamentado e pelo simbólico, das igrejas barrocas de madeira ao visual das produções recentes de artistas como Samica ou Reynaldo Fonseca, e acho que desenvolvi um gosto parecido. Tem muito além de artes visuais aqui, é claro. Tudo o que posso dizer é que, definitivamente, me sinto um produto do ambiente em que cresci, além de uma herdeira da história que me cerca, para o bem ou para o mal.

Como é o seu processo? Da primeira ideia ao trabalho final.

Eu esboço bastante. Tipo um brainstorming artístico comigo mesmo, sabe? Quando o prazo permite, gosto de esboçar à mão, depois faço um esboço secundário no computador. Aí faço o desenho final com caneta, aí escaneio de novo e pinto digitalmente. É desnecessariamente complicado, mas muito satisfatório. Mas geralmente eu só faço todo o trabalho digitalmente. Pra ser honesta, meu processo ainda é bem amador.

Boa parte das suas ilustrações são fanarts. Qual é a sua história com o fandom, e como é a experiência de ser uma fã no Brasil?

Passei poucas e boas com o fandom, mas acho que é algo que vem com a obsessão crescente nesse tipo de comunidade. Por outro lado, conheci amigas e amigos incríveis através das fanarts, incluindo a pessoa com quem vou me casar! Então, não reclamo. Realmente sinto que a experiência com a fanart é só outra forma do processo criativo muito comum de se inspirar por alguma coisa,

depois mexer com essa coisa até ela ficar praticamente irreconhecível. Nesse momento, você se toca que deu à luz algo totalmente novo e inteiramente autoral. Quantas pessoas que escrevem e fazem arte começaram fazendo isso? Para mim, parece que se você tem uma atitude saudável em relação a isso, a fanart geralmente funciona com um catalisador do estudo de si mesma e da produção autoral.

Acho que a coisa mais frustrante sobre o fandom é justamente como pessoas como eu são deslocadas. O fandom parece uma experiência essencialmente anglófona, e isso é muito alienador, embora eu também entenda que faz total sentido. Mas a gente está perdendo experiências muito interessantes ao não usar nossa própria bagagem estética, além de corrermos o risco de nos vermos como “os outros” se navegamos demais — ou cegamente — nesses espaços. Em outras palavras, é solitário.

Você fez parte do Aiglos Almanac, um jornal polonês dedicado a Tolkien. Conta pra gente sobre esse projeto e sua relação com a obra de Tolkien.

Na verdade, eles pediram permissão para usar uma obra minha em uma das edições, e eu fiquei surpresa e muito feliz!

A obra do Tolkien tem um nível de nuance e de autenticidade que poucos autores conseguem igualar, na minha opinião. Tem tanto disso, na verdade, que me pego relendo esse material de vez em quando e achando coisa nova a cada vez. Eu realmente admiro a atitude do Tolkien em relação à arte, num geral.

Uma coisa que eu acho interessante é como você começou como uma amadora, e só agora começou a ilustrar profissionalmente – seu primeiro trabalho assim foi com o volume dois da Dates Anthology, publicada pela

Margins Publishing. Como foram as duas experiências?

Sempre fui meio tímida em relação à minha arte, para não dizer insegura. Sempre usei a arte como uma válvula de escape para a minha vulnerabilidade, além de para lidar com problemas pessoais, então a ideia de encarar isso como algo profissional e colocar mais coisa em jogo me parecia bem aterrorizante. Mas ter pessoas me abordando como uma profissional mudou minha perspectiva sobre o meu trabalho — e, para ser sincera, sem essa iniciativa eu poderia muito bem nunca ter dado um passo nessa direção. Então, fico muito grata de ter tido essas duas oportunidades, e com o fato de que as duas foram satisfatórias para todos os envolvidos.

Se você pudesse mudar o cânone de alguma história com a sua arte, que história você escolheria, e como seria a arte?

Essa é uma questão muito interessante, mas para dizer a verdade, eu não sei! Normalmente, eu só trabalho com coisas que eu realmente gosto, e eu não acho que quero mudar minhas histórias favoritas?

Mas penso que gostaria de mudar a atitude dos fãs em relação a algumas coisas. Com o Tolkien, por exemplo: acho que já é hora de explorar estéticas além das coisas genéricas e sem inspiração da era de Tudor, especialmente porque esse tipo de influência não está na obra em si. Eu sinto assim com as adaptações, que a gente poderia ter ido além.

Agora, se eu pudesse viajar com essa questão, acho que gostaria de fazer uma instalação ou exibição com objetos fabricados de diferentes eras do Legendarium do Tolkien. Eu pagaria artistas de todo o mundo e os deixaria pirar com a estética. A gente poderia ter artes visuais, esculturas, músicas... Cada obra conectada a uma parte da história, de modo que a audiência tivesse que especular sobre como as

coisas se conectam com o que ela já conhece. Isso pelo menos daria um chacoalhão na estética sem inspiração de fantasia do povo, e felizmente permitiria que as pessoas vissem a ficção especulativa sob uma nova ótica. Se bem que acho que eu fugi da pergunta!

Conta pra gente o seu trabalho dos sonhos com a ficção especulativa.

Ilustrar histórias que eu pudesse escolher! Ou ser uma editora com um prazo bem, bem folgado. Ou talvez fazer o que eu estou fazendo agora, que é passar histórias para os meus alunos e fazê-los ler e comentar cada texto — só que com mais tempo e abrangência.

Madrinhas e Padrinhos

Muito obrigado, de coração, pelo apadrinhamento. Essa edição só existe graças ao apoio destas incríveis pessoas:

Aldrey Riechel, Alex Barbosa Corrêa, Alvaro Rodrigues, Amanda De Seixas Pina, Ana Rusche, Andre Bressan, André Colabelli, Antonio Victor Cavalcanti e Silva, Ásbel Torres da Cunha, Beatriz Ribeiro, Benjamin, Bruno Rauber, Caio Henrique Amaro, Caique Bernardes Leite Cesar, Camila Fernandes, Camilla, Cárliesson Galdino, Carlos Alejandro Rico Guevara, Carlos Rocha, Carolina Vidal Décio, Caroline Fronza, Cesar Ricardo Tomaz da Silva, Cleison Ferreira, Daniel Folador Rossi, Daniel Grimoni Alfarella, Darcio Payá, Diego Matioli, Diogo Renan Simoes de Lima, Dyego Maas, Edgar Egawa, Eduardo Peret, Fernanda Castro, Gabriel Vicente França, Gabriele Gomes Diniz, Gustavo Melo Czekster, Hális Alves, Helton Lucinda Ribeiro, Iana Picchioni Araújo , Israel Santos Pinho, Jan Santos, Janayna Pin, Janito Vaqueiro Ferreira Filho, Jayne de Lima Oliveira, Jefferson Aldemir Nunes, Johannes van Kampen, José Carlos Suárez da Rosa, Kali de los Santos, Kyanja Lee, Leonardo Júlio Ardaia, Livia Taisa Rolim Stocco, Lucas Canabarro, Lucas David Michels dos Santos, Marcele Batista, Maria Clara Monteiro Rodrigues , Maria Danielma dos Santos Reis, Mayara Barros, Mayumi Makuta, Melissa de Sá, Michel Peres, Noah Tavares, Paulo Esdras, Paulo Vinicius F. dos Santos, Petronio De Tilio Neto, Pôlo, Renan Bernardo, Renan Santos, Rodrigo Junqueira, Santiago Santos, Sergio Eduardo Felisbino Junior, Sharon Caleffi, Tais Assuncao, Talles Magalhães, Thiago Leite Cordeiro, Tiago de Oliveira Bizachi e Vinicius de Oliveira Frederico.

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

A TRASGO É UMA INICIATIVA INDEPENDENTE
QUE BUSCA TRAZER OS MELHORES CONTOS DE
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA NACIONAIS AO
PÚBLICO. TODO O CONTEÚDO É ACESSÍVEL
GRATUITAMENTE ONLINE. SAIBA MAIS SOBRE A
TRASGO E NOS APOIE EM
WWW.TRASGO.COM.BR